

# CARANDIRU

BASEADO NO LIVRO DE DRAUZIO VARELLA UM FILME DE HECTOR BABENCO



Roteiro de  
Hector Babenco, Fernando Bonassi e Victor Navas

INT. BLACK

No fundo negro, ouvimos sons de luta corporal e gritos. É total a algazarra produzida por algumas dezenas de homens.

LULA

Grritando off)

Eu te mato Peixeira! Me larga! Vô furá ele! Larga!!  
Larga eu, porra!

NEGO PRETO

(off)

Separa! Separa!!

PEIXEIRA

(off)

Deixa ele, Nego.

NEGO PRETO

(off)

Que deixa o quê Peixeira?! Zico, tira a faca dele!

ZICO

(off)

Dá isso aqui Lula! Dá!

NEGO PRETO

(off)

Abre! Abre e põe na cela! Vai!

Ouvimos o som forte de uma porta de ferro sendo batida violentamente e trancada.

INT. GALERIA DO AMARELO -- DIA

O fundo negro revela ser a superfície metálica da porta da Cella 1. Num repente, o guichê da porta é aberto por dentro. Dois detentos encostam seus rostos na pequena janela e gritam para fora.

DETENTO 1

Tira esses cara daqui!

DETENTO 2

Não cabe mais ninguém, Nego Preto!

Diante da Cella 1, na galeria repleta de detentos, está Nego Preto (detento negro e corpulento, 40/45 anos).

NEGO PRETO

A situação é que exigiu a gente usá esse barraco!  
Vam'fica frio senão sobra pra vocês!

INT. CELA 1 -- DAY

A Cella 1 é pequena e bastante deteriorada: dois beliches laterais; na parede do fundo, uma quinta cama sobre a janela

gradeada; prateleiras feitas de caixotes de frutas; lamparinas; posters amarelados de mulheres nuas, rabiscos e "grafites" pela parede. Num canto, Lula (branco, 27 anos) tenta, furiosamente, livrar-se dos braços de Baiano (mulato, 25 anos). Zico (22 anos, branco, jaleco branco) isola Baiano e Lula, protegendo-os dos verdadeiros moradores daquela cela. Eles são em nove, não usam camisa, revelando a pele amarelada, com várias tatuagens de cadeia e, um ou outro, cicatrizes.

LULA

Nego Preto, quero saí daqui! Vô furá o Peixeira! Eu juro!!!

BAIANO

Lula, sossega! Facilita as coisa!

DETENTO 3

(gritando para Lula)

Tu é um filho da puta! Ia pegá ele pelas costas!

ZICO

(para o Detento 3)

Num te mete!

DETENTO 4

Queria matá na traição!

O Detento 4 tenta acertar chutes em Lula. Lula, contido por Baiano, tenta revidar.

LULA

Queria o caralho! Vô fazê ele ainda!

(para a porta)

Peixeira, eu te mato! Tá ouvindo? Eu te mato feito um porco!

Zico dá uma gravata no Detento 4 e o arrasta na direção da porta, segura seu pescoço e o mantém ali, colado no guichê, através do qual vemos Nego Preto.

ZICO

(para Nego Preto, na galeria)

Aí Nego, o Lula veio no veneno! Diz que tá na razão de querê o pescoço do Peixeira!

DETENTO 4

(para Nego Preto, na galeria)

Tem que se dá mal esse Lula!

INT. GALERIA DO AMARELO -- DIA

Nego Preto enfia a mão no guichê e segura a cabeça do Detento 4, puxando-a violentamente por uma orelha.

NEGO PRETO

(para o Detento 4)

O pior num aconteceu. Num vai ser tu, malandro, que vai dá palpite na situação!

Nego Preto solta o Detento 4. Em torno de Nego, a galeria está tomada por detentos; alguns chegam a pendurar-se em buracos ou canos nas paredes, outros esticam os pescoços pelos guichês para enxergar. Os homens gritam e provocam-se uns aos outros. Um grupo deles, silenciosos e atentos, forma um cordão de isolamento em torno de Peixeira (detento branco, magro porém musculoso, entre 30 e 35 anos, tem um dos olhos vasados), protegendo-o da turba. Entre os protetores, ao lado de Peixeira, está o Detento Locutor (negro, 45 anos, corpulento). Peixeira, calmo, acaricia um gato que mantém no colo e olha em torno, encarando a massa carcerária. Ali presentes: Charuto, Pimenta e Barba (branco, com uma longa barba).

DETENTOS EM ALGAZARRA

Vai morrê! Vai morrê! Vai morrê!

CHARUTO

Deixa brigá, Nego Preto!! Deixá brigá!

BARBA

Solta o Lula! O Peixeira encara ele!

PIMENTA

(pendurado num cano)

Eles se acertam!

PEIXEIRA

(calmo e firme, para Pimenta)

E é tu que vai decidí, agora?! Por mim que venha!

DETENTO LOCUTOR

Fica quieto, Peixeira!

PIMENTA E COMPANHEIROS

(para Peixeira)

Vai morrê! Vai morrê!

PEIXEIRA

(para Pimenta)

Aí meu, não tenho ninguém me esperando lá fora e nem tenho pressa de saí. Já falei, quem quisé, venha que eu acabo com a raça de qualqué um!

NEGO PRETO

Qualé gente?! Vamo acalmá!

NEGO PRETO

(para Peixeira)

Então, Peixeira, que história foi essa?

Não há tempo para Peixeira responder. Se aperta o cerco em torno dele, do Detento Locutor e de Nego Preto.

DETENTO PRÓ-PEIXEIRA 1

O Lula atacô de surpresa! É bicho ruim!

DETENTO PRÓ-LULA 1

Tava no direito dele!

DETENTO LOCUTOR

Vamo arejá, porra! Vamo arejá!

DETENTO PRÓ-PEIXEIRA 2

Arejá o cacete! O cara pegô o Peixeira na traição!

Nego Preto, preocupado e nervoso, puxa Peixeira pelo ombro. O Detento Locutor acompanha na retaguarda. Diante deles, um funcionário quieto rente à parede.

NEGO PRETO

(para o Funcionário)

O senhor pode abrir, chefe?

PEIXEIRA

(resistindo, para Nego Preto)

Pô, tu vai me trancá?!

NEGO PRETO

Primeiro entra, depois tu fala!

O Funcionário dá passagem para Nego Preto e o Detento Locutor que empurram Peixeira, ainda com o gato nos braços, para dentro da Cela 2. Pela porta, vemos que no pequeno ambiente esfumado, 10 detentos recuam assustados para um canto.

DETENTO 1

Nego, tranca Peixeira aqui não!

DETENTO 2

Nóis num qué confusão!

INT. CELA 2 -- DIA

Dentro da Cela 2, vemos que a porta é fechada. Os moradores, sem camisa, mantêm distância de Peixeira. Menos um deles (Detento Efeminado 1) que anda em torno do "visitante" enquanto ri de forma torpe, irritando o homem com o olho vasado.

DETENTO EFEMINADO 1

(para Peixeira)

Meu Deus do céu, ele tá aqui... O Peixeira "tá no meio de nós", o todo poderoso...

Peixeira ignora o Detento Efeminado; vê Nego Preto no guichê e aproxima-se dali para falar com ele.

NEGO PRETO

E aí? Tô esperando tua história! Como tu explica essa

raiva do cara?

PEIXEIRA

É isso que tu já ouviu. O Lula apareceu do nada, já de faca na mão pra me matá! Me safei, rolamo no chão até cêis separá nós. Daí pra frente tu já sabe o acontecido!

Nego Preto olha para um dos lados da galeria.

INT. GALERIA DO AMARELO -- DIA

Pela galeria, passos rápidos, aproximam-se 10 funcionários com canos nas mãos. Num sinal de advertência, alguns vem batendo os canos nas portas de ferro. O carcereiro respira aliviado quando vê, em meio aos detentos que cedem passagem, que seus colegas funcionários são seguidos por Seu Pires, o Diretor do Presídio (branco, aproximadamente 55 anos, alto, entre corpulento e obeso) e pelo Médico (branco, 47/57 anos). A maioria dos detentos silencia e se dispersa; cada grupo passando a ocupar uma das extremidades da galeria. Diante das Celas 1 e 2 ficam apenas Nego Preto e o Detento Locutor.

NEGO PRETO

Bom dia Seu Pires... Peço desculpas por essa desavença da rua que hoje o destino deu de trazê aqui pra dentro da nossa casa.

(indicando a Cella 1)

Foi que esse infeliz do Lula, ladrão jovem e inexperiente, tomou uma atitude feia, sem nem pedi permissão pra nós.

Todos são surpreendidos por Lula, que grita de dentro da Cella 1.

LULA

(off)

O Peixeira matô meu pai!

Pires olha através do guichê da Cella 1. Lula vem do fundo da cela até encostar o rosto no guichê e gritar ensandecido.

LULA (CONT'D)

Ele matô meu pai! Foi ele!

Da Cella 2, Peixeira fala alto na direção da Cella 1.

PEIXEIRA

Matei memo. E não matei só ele não garoto. Já matei muita gente!

Corta para o guichê da Cella 1, onde Lula grita com o rosto colado à porta.

LULA

Nego! Seu Pires! Peixeira matô meu pai na frente da minha mãe! Ele memo que espalhô por aí, depois

que reconheceu ela na visita...  
(na direção da Cela 2)  
Tu vai negá? Que tu matô ele na minha casa, na frente da  
minha mãe?! Vai negá?!

Corta para Peixeira ao guichê da Cela 2.

PEIXEIRA  
(calmo)  
Por favor, Nego, diz ao menino que ele num ouviu a  
história direito. Que ele...

LULA  
(gritando off)  
Filho da puta! Vô te matá!

PEIXEIRA  
(falando mais alto)  
Diz pr'le perguntá pra mãe se ela ficô tão triste  
assim!... Ou se ela aliviô d'eu chegá lá e tirá a  
cinta da mão daquele covarde?!

Corta para guichê da Cela 1.

LULA  
(gritando)  
Mentira! É mentira!

Corta para guichê da Cela 2.

PEIXEIRA  
Mentira o cacete! Eu é que vi! O velho ía acabá matando  
ela!

O silêncio é total.

PEIXEIRA (CONT'D)  
Ó, Lula, tu já devia de sabê disso! Foi tua mãe que  
pagô pr'eu matá teu pai! Tu entendeu agora, rapaz?  
Foi tua mãe que pediu ele!

No guichê da Cela 1, Lula, trêmulo, mantém a cabeça baixa. Ao seu  
lado, Zico observa-o.

ZICO  
(para Lula)  
Ouviu?

Através do guichê, vemos que Lula, silencioso, afasta-se para o  
interior da cela e senta-se numa cama.

ZICO (CONT'D)  
(fazendo gesto de "caso encerrado")  
Apaziguo.

SEU PIRES

(para os funcionários)

Quero os dois de cueca aqui fora!

As portas das Celas 1 e 2 são abertas. Usando apenas cuecas, Lula e Peixeira saem. O gato ainda está nos braços de Peixeira. A dupla pára diante do Médico, de Seu Pires e de Nego Preto. Da Cella 1, saem também Zico e Baiano. Em seguida, as portas são novamente fechadas.

PEIXEIRA

Ó Lula, da minha parte, essa história acaba aqui.  
Vam'esquecê?

Lula ergue os olhos, encara Peixeira e concorda sem dizer palavra. Seu Pires caminha diante de Peixeira e Lula.

NEGO PRETO

Muito me envergonha essa atitude no dia que o doutor veio visitar nós aqui.

SEU PIRES

E o senhor, seu Lula? O que o trouxe de volta pra cá?

LULA

(falando baixo, mal erguendo os olhos)

Seu Pires, saio daqui pra chegá em casa e encontrá minha mulher morando com outro. Na minha casa, ó... O cara ainda me vira e diz que a vida é assim mesmo. Dei três tiro nele pra mostrá que não.

O Médico contém um sorriso que lhe escapa dos lábios.

SEU PIRES

Então, Lula, já devia saber que o que acontece lá fora, se resolve é lá fora! Na rua!

SEU PIRES

Aqui, aquele que respeita a disciplina, pode contar com a gente para ir embora pela porta da frente, com a família esperando. Agora, o que chega dizendo que é do crime, com sangue nos olhos, pode ter certeza que vamos fazer de tudo pra atrasar a vida dele! Gente assim, temos mania de esquecer aqui dentro.

Seu Pires observa os detentos silenciosos na galeria e aproxima-se do Médico e de Nego Preto.

SEU PIRES (CONT'D)

(indicando Nego Preto ao Médico)

Doutor, esse é o Moacir.

NEGO PRETO

(cumprimentando o Médico)

Pois é, Doutor, o Moacir aqui tá com um problema...

(para os detentos em torno)

Ainda tá faltando a faca da minha cozinha! Quem pegô, vô

dá uma chance: ou devolve ou morre um preso por dia!

Os presos na galeria entreolham-se. Nego Preto toca o ombro de Seu Pires e do Médico, fazendo-os também dar as costas aos detentos.

NEGO PRETO (CONT'D)

(falando alto, por sobre os ombros)

Eu vou pedir um favor pras nossas visitas que é de virar de costa que tem ladrão envergonhado aqui. Mas ó, quando eu me virá de volta, gostaria muito de ver a faca. Vô contar até três... é um... é dois... tô me virando...

Uma mão surge no guichê e deixa cair uma faca, fazendo-a tilintar no chão.

NEGO PRETO (CONT'D)

... três.

Nego Preto vira-se, apanha a faca no chão e passa-a para Seu Pires.

SEU PIRES

(devolvendo a faca para Nego Preto)

Não é da sua cozinha?

(batendo as mãos)

Acabou o show!

(para os funcionários)

Os dois pro castigo.

Os funcionários escoltam Lula e Peixeira, ainda com o gato no colo. Zico, Baiano e o Detento Locutor começam a empurrar um carrinho de entrega de comida. O Detento Locutor imposta a voz para cantar a música "O último degrau da vida", de Néelson Cavaquinho. Nego Preto, faca na mão, apressa o passo e segue adiante. Os detentos se dispersam pela galeria.

MÉDICO

Seu Pires, esse povo não toma sol nunca?! Isso aqui é um mofo!

Seu Pires, num gesto, manda um dos funcionários abrir o cadeado da Cella 1. Ele mesmo escancara a porta, revelando os moradores apreensivos: detentos "amarelados" que entreolham-se em silêncio.

SEU PIRES

Alguém aí quer descer e tomar um sol? Dar uma volta no pátio? Respirar um ar puro?

Ninguém na cela aceita a proposta; há só silêncio ali dentro. Um dos detentos, sentado à janela gradeada com as pernas para fora, volta-se para Seu Pires e depois cola novamente o rosto às grades. Seu Pires tranca novamente a cela. Ele e o Médico se afastam pela galeria.

SEU PIRES (CONT'D)

Doutor, o setor aqui é o Amarelo! O apelido veio é da pele deles mesmo. Isso aqui é a cadeia dentro da cadeia! Tão aí trancados porque precisam. Vivem com medo. É justiceiro, estuprador, dedo duro, gente com dívida... Aqui dentro, o senhor sabe, os presos não perdoam.

OMITTED

EXT. GALERIA / ESCADA - CARANDIRU -- DAY

O médico e Seu Pires descem as escadas em meio ao burburinho dos detentos que cruzam por um lado e outro.

MÉDICO

(observando o frenesi em torno)

Onde é que eles vão com tanta pressa?!

SEU PIRES

Ficam zanzando o dia inteiro. Isso aqui é uma cidade, Doutor. Sete mil homens! É como eles próprios dizem, Carandiru é que nem coração de mãe, sempre cabe mais um.

INT. SALA DE SEU PIRES -- DIA

O Médico observa um grande painel fotográfico com a imagem aérea da Casa de Detenção. Deusdete e mais dois detentos tiram fotos para o prontuário. Seu Pires está sentado à mesa onde vemos o telefone fora do gancho. O Médico lê os dizeres de uma placa de bronze na parede: "É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar preso na Casa de Detenção".

SEU PIRES

Doutor, o problema aqui é maior do que nossa vontade de consertar ele.

MÉDICO

Seu Pires, se eles entenderem como se pega AIDS pra mim já é um adianto. Eles pegam a doença é aqui dentro, depois transam com a mulher, namorada... daí a epidemia não pára mais.

Seu Chico surge à porta, interrompendo a conversa.

SEU PIRES

(para Seu Chico)

Entra Chico. É pra você. Mas não acostuma. Imagina se todo mundo começa a receber telefonema!

SEU CHICO

(entrando)

Quem é?

SEU PIRES

Voz de menina. Disse que é sua filha.

Seu Chico, hesitante, apanha o telefone.

SEU CHICO

Alô...

Para esconder o rosto, Seu Chico volta-se para a janela e continua o telefonema aos cochichos.

SEU PIRES

Quer saber quem vai ouvir seus conselhos, doutor? O malandro de verdade! O que quer sair inteiro da cadeia, pra poder assaltar de novo, que essa é a vida dele.

MÉDICO

Que seja. Mas agora estão é vivendo num foco da doença. Estão presos aqui.

SEU PIRES

Presos? São os donos da cadeia, doutor. Isso aqui só não explode por que eles não querem.

SEU CHICO

(ao telefone)

Deus te abençoe, minha filha.

Seu Chico desliga o telefone, enxuga os olhos e volta-se para o Diretor.

SEU PIRES

Nem sabia que cê tinha família, velho.

SEU CHICO

Achava que tinha perdido ela. O senhor sabe, toda uma vida preso, mas mesmo assim criei dezoito filho e nenhum deles pisô numa delegacia. O problema é que nem assim minha mulher me aceitou no crime. Nunca veio me vê e ainda proibiu as criança de fala no pai. Essa menina, a caçula, disse aí que não se lembra mais do meu rosto e, por isso, decidi vim me visitá.

SEU PIRES

E daí?

SEU CHICO

Queria que o senhor me autorizasse a encontrá co'ela fora do dia da visita. Não quero filho meu no meio da malandragem...

SEU PIRES

Assim o senhor me complica. E se os outros sete mil me pedem a mesma coisa?!

SEU CHICO

Dá licença.

Seu Chico retira-se.

INT. GALERIA/ENFERMARIA -- DIA

O Médico, maleta numa mão e caixa de isopor a tiracolo, caminha pela galeria. O doutor é abordado por um detento numa cadeira de rodas que passa a acompanhá-lo. Sobre os apoios para os braços da cadeira, foi colocada uma bandeja de madeira. Ali estão dispostos, sabonetes, pasta de dentes, aparelhos de barbear, dois sacos de café e de açúcar, maços de cigarro e também CDs. Sob a bandeja, há um CD Player simples ligado a pequenas caixas acústicas penduradas no espaldar da cadeira. Ouvimos a música.

DETENTO DE CADEIRA DE RODAS

Fazê compra, doutor? Café, açúcar, um chocolate?  
Sabonete, pasta de dente? A bagana de maconha tô  
fazendo por dois maços de Marlboro. Tá afim?

MÉDICO

Não fumo.

O Detento de cadeira de rodas acelera e desaparece na enfermaria.

DETENTO DE CADEIRA DE RODAS

Pena. É o comércio, doutor! É o que move o mundo!

O Médico também avança enfermaria adentro. É uma galeria cujas celas foram transformadas em áreas de internação, consultório e banheiro. Detentos se aglomeram, enfermos e feridos vagam de um lado para o outro, fumam e conversam. Os homens voltam-se para o Médico, alguns sorriem, outros, combalidos, ensaiam cumprimentos resignados.

Nesse trajeto, o Médico pára diante da porta do banheiro. Ali há mais azulejos despregados do que assentados. Dos seis boxes para banho, apenas dois têm chuveiros. Sob os pingos grossos de um deles, sentado num banquinho, vemos um detento muito fraco (Claudiomiro, mulato, 33 anos). Um outro (Antonio Carlos, branco, 35 anos), o sustenta segurando por uma axila, com a outra mão, desliga o chuveiro e passa enxugar as costas do doente. Antonio Carlos ampara Claudiomiro, fazendo-o caminhar na direção da porta. O detento combalido tem um acesso de tosse e termina por cuspir sangue no chão. O Médico afasta outros detentos próximos. O burburinho chama a atenção de Sem Chance. Ele abre caminho entre os curiosos e pára junto ao Médico.

MÉDICO

(para Antonio Carlos e Sem Chance)

Ele não pode Cuspir aqui. Isso é tuberculose. Quem pisa  
espalha a doença.

Claudiomiro tenta, mas a tosse o impede de falar.

ANTONIO CARLOS

Doutor, se a tosse fosse menos e o folego mais, ele procurava uma pia. Mas tá difícil.

MÉDICO

(para Sem Chance)

Tem que isolar esse rapaz.

SEM CHANCE

E tem onde, doutor?!

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

O consultório da enfermaria mede 5 x 5 metros, tem paredes azulejadas, velhos fichários e armários de aço, uma mesa simples com o tampo bastante desgastado, banquetas, cadeiras e, impedindo a visão de uma das paredes, uma cortina-biombo bastante desbotada. Sem Chance extrai sangue de detentos num canto. À porta, uma fila de presos. O Médico está à mesa, entrevistando um deles: Barba, 28 anos, magro e com uma longa barba maltratada.

MÉDICO

Teu nome?

BARBA

Aqui todo mundo me chama de Barba.

MÉDICO

Tá aqui por quê?

BARBA

Mataram meu irmão. Dois dias depois, o assassino teve um encontro com a morte. Aí a suspeita recaiu-se sobre a minha pessoa. Uns dizem que fui eu, mas não viram e outros dizem que viram que eu não fui. E, nessa de uns achar que fui eu, sem ver e outros ver que não, eu estou aqui, há cinco anos, na expectativa do que o juiz vai decidir.

MÉDICO

Escuta, Barba, você tem relação sexual aqui dentro da cadeia?

BARBA

Quem disser que não tá mentindo.

MÉDICO

Usa camisinha?

BARBA

Quando tem, uso.

MÉDICO

E droga na veia?

BARBA

Que é isso, doutor?!

MÉDICO

Eu que pergunto: o que é essa marca no braço?

Barba, sem graça, observa um discreto hematoma em seu braço. O Médico entrega um coletor de sangue para Barba.

MÉDICO (CONT'D)

(para Sem Chance)

Barba é o próximo.

Barba levanta e sai. Um detento extremamente magro e abatido, destaca-se da fila amparado por dois colegas e senta-se diante do Médico.

ALÍPIO

(ofegante)

Meu nome é Alípio.

MÉDICO

Alípio, você usa droga?

O combalido Alípio balança um não com a cabeça.

MÉDICO (CONT'D)

Nada na veia?

ALÍPIO

Esquece, doutor, peguei a AIDS foi comendo bunda de cadeia; muita bunda. Adianta fazer o teste?

Segue-se uma sequência de depoimentos de detentos ao Médico.

PP do detento travesti Veronique.

VERONIQUE

Eu escuto, dou conselho, faço carinho, depois eles me agradam: um maço de cigarro, um docinho... Sabe doutor, é muito homem fechado, sem aquela nossa coisa feminina de dar apoio.

PP do detento Capote.

CAPOTE

Tô co'a AIDS sim, doutor, mas num peguei aqui. Truxe da rua e nem dá prá reclamá: chegá doente numa cadeia e os companheiro tratá a gente com respeito e dignidade é a coisa mais bonita na vida de um ladrão.

PP do detento Fuinha, o japonês.

FUINHA

Não vou menti pro senhor: sou viciado e traficante. No meu negócio, se o cara não paga, eu não posso pegá

o que eu vendi que o desgraçado já fumô, já cherô,  
vai sabê. Então pego o que ele tivê. Se não tivê  
nada, mato ele.

FUINHA

Assim, um vai vivendo perante a desgraça do outro.

PP de Patrícia Evelin.

PATRÍCIA EVELYN

Um dia, peço uma banana a mais pro rapaz que entregava o  
almoço. O safado disse que só dava se eu desse um  
beijinho na banana dele. Fazer o que? Sou louca  
por banana.

O Médico convoca o próximo da fila. O detento Paulo Boca, abatido  
e sem deixar de coçar-se, aproxima-se e senta diante do Médico.

PAULO BOCA

(coçando-se)

Doutor, todo mundo lá no meu barraco tá com essa  
coceira. Não dá pra aguentá.

Boca ergue a camisa e mostra o corpo tomado por sarna.

MÉDICO

É sarna. Vou arranjar remédio pra vocês.

(para Sem Chance)

E aí? Como tá indo?

SEM CHANCE

(rindo)

Doutor, quem já injetou cocaína no escuro, com agulha  
sem ponta, colher sangue com esse material é até  
covardia da parte nossa. É sem chance!

INT. ENFERMARIA / ESCADAS - ESTÚDIO - ANOITECER

O Médico surge, "dobrando" uma esquina. Ele carrega sua valise e  
a caixa de isopor com amostras de sangue. Ele olha para um lado e  
outro e resolve vir na direção da câmara;

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- ANOITECER

Dois funcionários vem fechando as portas, selando-as com cadeados  
e terminam por deixar a galeria às escuras. O Médico caminha  
observando o interior das celas pelo pequeno guichê: evangélicos,  
reunidos, outros detentos assistem TV etc. Silêncio. O Médico  
olha para trás e apressa o passo, "dobrando" uma nova esquina e se  
deparando com grades que fecham a galeria.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- ANOITECER

O médico caminha por uma galeria onde travestis fazem ponto diante  
de suas celas. Alguns o observam e outros conversam entre si.  
Aflito ele volta pelo mesmo caminho, ainda mais apressado; alcança

as escadas e desce.

EXT. PÁTIO INTERNO - NOITE

O Médico percorre apressado o pátio interno. O lugar está deserto e mal iluminado. Finalmente, chega até as grades que o separam da entrada do presídio (um corredor de aproximadamente 5 metros de largura por 10 de comprimento; tendo na outra extremidade

um portão maciço de ferro). Do outro lado das grades, o Porteiro Noturno volta-se rápido para o Médico.

PORTEIRO NOTURNO

Tá fazendo o que aqui?! Onde pensa que vai?

MÉDICO

Sou médico, estava na enfermaria coletando sangue, pode perguntar aí pro...

PORTEIRO NOTURNO

Epa! Não é você que vai me dizer pra quem eu devo perguntar. Espera aí. Vou falar com o plantão e se ninguém te conhecer, malandro, você fica.

Junto das grades, o Médico aguarda aflito. Ele olha para os contornos da muralha que cerca o pátio. Lá no alto, Policiais Militares, fortemente armados, fumam e conversam sob a luz amarelada. O Médico os observa quando eles desaparecem dentro de uma guarita. Entre as árvores, vê quando três vultos se aproximam, param e olham ameaçadoramente. O Médico sente-se incomodado. Um dos homens caminha lentamente na direção do Médico.

MÉDICO

(fingindo tranquilidade)

E aí? Que é que foi?

NEGO PRETO

Doutor? O senhor volta?

O Porteiro Noturno retorna e destranca o cadeado.

PORTEIRO NOTURNO

(abrindo o portão)

Não leva a mal, doutor. A cara deles é fugir. A minha é não deixar.

O Médico atravessa o portão que é novamente fechado pelo Porteiro Noturno. Através das grades, Nego Preto olha o Médico. Sem Chance e Majestade aproximam-se e também olham o Médico que, indo embora, devolve-lhes o olhar.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- NOITE

PG da galeria deserta. A única presença viva é de um gato, que fareja o chão e as portas das celas enquanto caminha pelo espaço. Dos quichês das celas vaza a luz bruxuleante dos televisores. Ao

fundo, o burburinho indistinto das diversas TVs e rádios ligados. Começamos a ouvir alguém chorando.

INT. CELA 3 (TRIAGEM) -- NOITE

O choro fica mais nítido na cela de triagem. O lugar tem 5 X 4 metros. Ali, na penumbra, amontoam-se cerca de 20 detentos. Os homens estão deitados sobre jornais, pedaços de papelão e colchonetes puídos. Alguns estão em pé, outros tentam dormir de cócoras ou encostados na parede. Um detento, fecha o orifício do banheiro com um saco de areia e deita-se, tentando dormir. Deusdete (19 anos, branco) enrola a camiseta nos chinelos para fazer de travesseiro. A câmara chega em Dadá (branco, 24 anos), o detento que chora. Num outro canto da cela, Mario Cachorro ergue-se sobre os cotovelos.

MARIO CACHORRO

Ô Dadá, se segura. Qué afogá nós?

DADÁ

(ainda chorando)

Dessa vez minha mãe não vai me perdoá!

DETENTO 1/TRIAGEM

Mãe é mãe, pô.

DADÁ

Na mente dela eu traí a confiança... Terceira vez que eu entro em cana!

DETENTO 2/TRIAGEM

(sonado)

Calá a boca aí! Vam'dormi!

MARIO CACHORRO

(para Dadá)

Aí, escreve pra ela.

DADÁ

Dizê o quê?!

GILSON

Escreve meu. Põe sentimento nas palavras... Olha só...

Gilson (branco, 31 anos), tomado de inspiração, narra sua "carta". A câmara passeia pelos rostos atentos e comovidos dos detentos, colhendo também o olhar curioso de um funcionário além das grades.

GILSON (CONT'D)

Querida mãezinha, é de joelhos que peço humilde perdão à senhora. Errado estou, não nego, mas arrependi-me ao cerne de meu ser. Ainda lembro, quando criança, que a senhora me falava das más companhias.

GILSON

Minha mãe, troquei a vida tranquila da família, pela escuridão do crime. Quantos não roubei? Quantos não levei à morte? Ah, se eu pudesse voltar atrás! Mãe, não mereço, mas imploro por vosso amor, que até hoje nunca me faltou. Sinceramente, teu filho...

Gilson volta-se para Dadá.

DADÁ

Dadá.

FUNCIONÁRIO DA TRIAGEM

Aí "artista"...

Todos, especialmente Gilson, voltam-se para a porta gradeada da cela.

FUNCIONÁRIO DA TRIAGEM (CONT'D)

... teu nome não é Gilson?

GILSON

É sim senhor.

FUNCIONÁRIO DA TRIAGEM

Tá preso por que?

GILSON

Artigo 157. Assalto de feirante.

O Funcionário da Triagem exhibe o prontuário de Gilson preso em sua prancheta.

FUNCIONÁRIO DA TRIAGEM

Feirante, porra nenhuma! O artista aí estuprou uma menina de 15 anos, na frente da mãe, com o revólver na cabeça.

Todos na Cela da Triagem voltam-se para o aterrorizado Gilson. Dadá fica em pé e lhe dá um chute.

DADÁ

Traíra filho da puta!

Os outros presos avançam sobre Gilson, agredindo-o. Ele termina por desmaiar. Mario Cachorro apanha uma bacia de água e joga sobre o detento. Acordado, aos safanões, os presos levantam e colocam Gilson contra as grades. Deusdete, assustado, encolhe-se num canto. Dadá faz Gilson segurar uma lâmpada numa mão e junta um fio descascado na grade. O detento estremece com o choque, olha para a lâmpada que acende em sua mão e cai. Fura Bolo, um grandalhão, se aproxima.

FURA BOLO

Agora tu vai sentir que nem a mina que tu estrupô!

Gilson, apavorado, tenta reagir, mas é contido pelos detentos.

GILSON

Não faz isso, cara, tô com AIDS. Você não vai querer  
pegar de mim, vai?

FURA BOLO

Tem problema não. Eu também tô com a maldita.

Fura-Bolo avança sobre Gilson.

INT. GUARITA DA MURALHA -- NOITE

Um soldado da Polícia Militar é acordado pelo grito de Gilson. Ele  
passa as mãos pelo rosto, pega capacete, fuzil e sai da guarita.

EXT. MURALHA -- NOITE

O soldado dá alguns passos ao longo da muralha. Pára. Olha em  
torno. No Pavilhão, poucas janelas revelam luzes acesas nas celas.  
Ele bate o capacete no corrimão da muralha.

SOLDADO DA MURALHA

(gritando)

Aí ladrão! Vam'cala a boca! Você na tranca e a tua  
mulher lá fora, fodendo com todo mundo!

EXT. FACHADA DO PAVILHÃO -- NOITE

Nas janelas acesas dos pavilhões vemos os vultos que esbravejam.  
Outras janelas vão acendendo-se. Um detento bate uma panela nas  
grades.

DETENTOS QUE ESBRAJEVAM

Vai se fudê PM do caralho! Gambé filho da puta! Já  
comi tua mulher de quatro! Vai buscá tua mãe na  
zona! Chupador de pau! Sai fora cagão!

EXT. MURALHA -- NOITE

PP do soldado que aguarda o "mar de vozes" refluir até quase  
silenciar.

SOLDADO DA MURALHA

(gritando)

Num adianta ladrão! É isso mesmo: vocês na tranca e elas  
fodendo gostoso com todo mundo!

O soldado entra novamente na guarita. Ao fundo, depois de alguns  
novos gritos isolados, os pavilhões silenciam mais uma vez.

OMITTED:17B

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Nego Preto senta-se numa cadeira empurrada por Sem Chance. Diante

dele, o Médico.

MÉDICO

Então o chefe da cozinha tá doente?!

NEGO PRETO

(sorrindo)

Doutor, quem tem chefe é índio.

MÉDICO

Qual é o problema Nego Preto?

NEGO PRETO

Dor no peito. Falta de ar. As veiz meu braço fica formigando.

O Médico ausculta os pulmões de Nego Preto.

MÉDICO

Respira forte. Fuma?

NEGO PRETO

Cigarro.

MÉDICO

E crack?

NEGO PRETO

Nunca.

MÉDICO

Dorme bem?

NEGO PRETO

Difícil... a cabeça não pára. É um que qué acertá uma bronca da rua, outro qué cobrá uma dívida, outro qué cavá um túnel... e assim vai o dia inteiro.

MÉDICO

E o juiz aí ainda tem muita cadeia pra tirar?

NEGO PRETO

Tem mais uns anos.

MÉDICO

E cê entrou por que?

NEGO PRETO

Legítima defesa.

MÉDICO

Agora isso dá cadeia?

NEGO PRETO

No meu caso deu. Veja a minha história, doutor. Era natal, sininho tocando, neve nas vitrine!

Combinamo eu, o Escovão e o Gordo de fazê uma joalheria num shopping. Foi um assalto bonito, num demo um tiro. Problema foi depois...

EXT. RUA DE FAVELA -- DAY

Um luxuoso taxi estaciona. Da porta da frente sai Escovão. De trás, descem Nego Preto e por último, com dificuldade, o Gordo. Ele veste um surrado traje de Papai Noel e carrega um pesado saco vermelho. O taxi se afasta. Os homens seguem caminhando pela ruela de terra. Em torno deles, casebres humildes, construídos, na sua grande maioria, com restos demadeira e pedaços de outdoor. Algumas poucas casas são de alvenaria, embora apresentem os blocos nus e sem acabamento.

INT. CASA DE NEGO PRETO -- DIA

Abre-se a porta da sala da casa de Nego Preto. Lugar humilde, com móveis simples, porém asseado e organizado. Entram Nego Preto, Escovão e Gordo, este último suado e ofegante. Ele passa seu saco vermelho para Nego Preto e arranca seu casaco de Papai Noel. Os três, aliviados, deixam-se cair no sofá. Nego Preto retira sua arma do cinto e coloca ao seu lado. Em seguida, despeja o conteúdo do saco sobre a mesa: jóias, relógios, dinheiro e cheques. Os três entreolham-se. Escovão, tirando a jaqueta, ergue-se e vai até o pequeno banheiro contíguo, que permanece de porta aberta.

ESCOVÃO

(urinando)

Como é que a gente divide esses bagulho?

NEGO PRETO

Eu e o Gordo separa treis monte e você escolhe primeiro.

Nego Preto começa a dividir tudo em três partes.

No corredor, o garoto Valdir, filho de Nego Preto (8 anos) surge espionando.

NEGO PRETO (CONT'D)

Agora não filho! Sai daqui!

O garoto desaparece. Nego Preto surpreende-se quando vê Escovão voltar-se para ele com uma das mãos escondida pela jaqueta dobrada. Nego Preto, rápido, pega sua arma e dispara dois tiros na direção de Escovão, que cai morto.

Ato contínuo, Nego vai investigar o cadáver de Escovão e, ao erguer a jaqueta, descobre que não há nada na mão do companheiro. A arma de Escovão está enfiada em sua calça, nas costas.

NEGO PRETO (CONT'D)

(bravo, para o cadáver)

Seu vacilão de merda! No meio da partilha tu me aparece de mão coberta?!

Nego Preto, segurando seu revólver voltado para o chão, vira-se para o Gordo, em seu uniforme de Papai Noel. O homem, nervoso, afastada o pingente de seu gorro dos olhos e mantém sua arma apontada para Nego Preto.

NEGO PRETO (CONT'D)

(justificando-se)

Morreu por culpa dele mesmo.

O Gordo continua apontando a arma para Nego Preto.

NEGO PRETO (CONT'D)

(desentendido)

Que porra é essa?

GORDO

Tu matô ele no afobo mesmo... mas o combinado era eu te acertá, pra nós ficá com a tua parte.

NEGO PRETO

Então atira...

(pausa)

...atira logo!

GORDO

Num consigo...

NEGO PRETO

(estendendo a mão para o Gordo)

Me dá teu ferro.

O Gordo hesita, porém, contrariado, dá seu revólver para Nego Preto. O garoto Valdir observa tudo escondido.

EXT. FAVELA -- DIA

Nego Preto e Gordo carregam o corpo de Escovão enrolado num tosco cobertor. À medida que avançam pelos becos da favela, pessoas se afastam das janelas e fecham portas; outras, passos rápidos, "fingem não ver"; só as crianças param de brincar para observar a cena. Finalmente, a dupla pouso o cadáver de Escovão na beira de um córrego e o rolam para a água.

NEGO PRETO

Pô, a gente não era amigo?! E vocês ia me sacaneá?!

GORDO

Ô Nego, se eu num entrasse nessa co'Escovão ele podia me matá...

NEGO PRETO

Podia sê temido, o que fosse, meu... Se tu dá um alô, ninguém ia morrê, porque nós ia debatê. Esse negócio de dá tiro nos outro num é do meu feitio.

GORDO

Pô, Nego Preto, nisso daí eu fui um pouco meio frágil da cabeça...

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 18.

NEGO PRETO

Pô doutor, traição por crocodilage é a coisa mais feia. É um Judas que age assim, é a pessoa que guspiu na cara de Jesus!

MÉDICO

E ficou tudo por isso mesmo?

NEGO PRETO

Que nada. Peguei minha família e fui no enterro, devido que se eu não fosse, ia dá na percepção que eu era culpado dos acontecimento.

INT. CASA DE ESCOVÃO -- DIA

Nego Preto, sua esposa Dona Graça e o garoto Valdir entram na sala da casa de Escovão, onde transcorre o velório. Nego cumprimenta os conhecidos com acenos de cabeça e aproxima-se da mãe do defunto. A velha senhora abraça Dona Graça e chora. Nego Preto aproxima-se do caixão, junto do qual está Gordo.

GORDO

Achei que tu num ia vim.

NEGO PRETO

E eu ia dá essa bandera?

Nego Preto, solene, pega a mão do defunto e abaixa-se para beijar-lhe a face.

NEGO PRETO (CONT'D)

(sussurrando)

Pô, parceiro, deu mancada, meu. Viu no que deu o egoísmo? Dinheiro é a maldição do cão mesmo!

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 21.

MÉDICO

E como é que essa história acaba?

NEGO PRETO

Acaba que eu tô aqui na sua frente.

NEGO PRETO

Não deu dois meis e o Gordo foi preso. Doutor, o senhor já viu gordo apanhando? Conta até o que não perguntam.

EXT. FACHADA DA CASA DE NEGO PRETO/CAMBURÃO -- DIA

Nego Preto, algemado e de cuecas, é retirado de sua casa por dois policiais militares (soldados). O garoto Valdir, filho de Nego Preto, também sai da casa e segue o cortejo.

SOLDADO

(para Valdir)

Mataram um homem nessa casa. Tu viu alguma coisa?

VALDIR

Vi não.

Os soldados levam Nego Preto até um camburão estacionado. A porta traseira do veículo é aberta, revelando o Gordo no chiqueirinho, assustado e cheio de hematomas. Nego Preto é empurrado para dentro e a porta é fechada.

INT. CAMBURÃO -- DIA

Gordo e Nego Preto, algemados, sacolejam dentro do camburão.

NEGO PRETO

Pô, Gordo, tu foi me dá logo no homicídio do Escovão?  
Era melhor tê mi dado pelo assalto.

GORDO

Te dei no homicídio porque os irmão do Escovão queria me matá. É que a gente saiu junto da casa dele pra joalheria... foi quando que eu apareci de volta e ele retornô finado.

NEGO PRETO

Tô desconsolado! Podia te entregá de cúmplice no homicídio... mas não. Vô confirmá tua história: que fui eu que matei ele e joguei sozinho no rio.

GORDO

Obrigado! Sabia que podia confiá em tí, Nego!

NEGO PRETO

Eu te perdô, mas tu me deve essa.

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 23.

MÉDICO

E o Gordo já pagou a dívida?

NEGO PRETO

Que nada. O Gordo morreu numa tentativa de fuga. Os mano passaram dois anos cavando um túnel, ó!

INT. CAPELA - ESTÚDIO -- DIA

Um oratório de Nossa Senhora Aparecida (Virgem Maria negra) preenche o quadro. Após um instante, vemos que o mesmo se movimenta. Percebemos então que a peça está sendo empurrada por detentos. Atrás dela, a boca de um túnel, onde os presos, silenciosos, começam a entrar. São quatro os que passam até que o Gordo entra. Outros o seguem.

INT. TÚNEL - ESTÚDIO -- DIA

No interior do túnel, as paredes de terra se desfazem, há poças de água e goteiras. Os detentos carregam um fio com algumas lâmpadas fracas que mal iluminam o local. O Gordo entala. Em desespero tenta, inutilmente, avançar.

SINVAL

(às costas do Gordo, empurrando sua bunda)  
Vai logo, Gordo. Vai logo gordo de merda!

GORDO

(para alguém à sua frente)  
Cadão! Cadão! Entalei. Me ajuda aqui, porra!

Cadão, o detento que entrara no túnel à frente do Gordo, retorna e começa a puxá-lo pelos braços.

CADÃO

Prende a respiração. Se afina aí!

Cadão, suando, enlameado e coberto por detritos do túnel, se esforça para puxar o Gordo pelos braços. O Gordo ofega, estrebucha, tenta avançar mas é inútil.

GORDO

Num tá dando! Num tá dando, meu Deus!

Às costas do Gordo, Sinval, frustrado e irado, esmurra a sua bunda.

SINVAL

Não vai entrá? Então vai saí pra fora.

Sinval passa a puxar o Gordo para trás, pegando-o pela calça.

SINVAL (CONT'D)

Volta, porra! Libera pra nós!

À frente do Gordo, Cadão continua puxando-o.

CADÃO

Caralho Gordo! Tá vendo o que dá ficá comendo a sobra de todo mundo?!

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 26. Sem Chance e o Médico riem.

NEGO PRETO

Os companheiro frustrado na fuga, meteram a faca no Gordo.

O Médico pára de rir.

SEM CHANCE

Morte cabulosa doutor; do ladinho da santa e ela não protegeu ele. Sem chance.

NEGO PRETO

E essa dor?

MÉDICO

Olha Nego Preto, teu problema é stress, doença de executivo.

O Médico entrega uma cartela de comprimidos para Nego Preto.

MÉDICO (CONT'D)

Toma um desses na hora de deitar. Vai te ajudar a dormir. Se não melhorar, volta aqui.

NEGO PRETO

Deus lhe proteja.

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Através das grades da janela, Sem Chance observa um balão caseiro feito em coloridas folhas de papel de seda.

SEM CHANCE

Doutor, venha ver o balão de Seu Chico!

O Médico aproxima-se da janela e vê o balão subir, oscilar, incendiar e cair. Lá embaixo, Seu Chico também observa a queda do balão. Em torno, uma pequena audiência se dispersa.

SEM CHANCE (CONT'D)

É o vício do velho. Sem chance...

LADY DI

(off)

Dá licença?

Médico e Sem Chance voltam-se para porta. Ali, parada junto ao batente, está Lady Di. Cabelos curtos mas cortados com estilo, sombrancelhas feitas, seios empinados sob a camiseta apertada. Sendo detento, "ela" usa uma calça bege, mas justa e estreita nos tornozelos. Sua aparência voluptuosa contrasta com seu ar sereno.

LADY DI (CONT'D)

Eu sou a Lady. Lady Di. Vim fazer o teste.

MÉDICO

(apontando uma cadeira)

Por favor, sente-se. Primeiro eu gostaria que você me respondesse umas pergungas, Lady Di.

LADY DI

(sentando-se)

Chiii Doutor, conheço essa missa. Olha... nunca precisei de transfusão de sangue e não boto nada na veia, droga pra mim é só um baseadinho pra vê televisão ou pra namorar.

MÉDICO

E parceiros, quantos?

LADY DI

(pensativa)

Só aqui dentro... Eu diria... uns 2000.

O Médico pega um coletor de sangue e coloca um garrote no braço de Lady.

MÉDICO

É, acho que é hora mesmo de você saber se tá doente.

O Médico pega um coletor de sangue e coloca um garrote no braço de Lady.

MÉDICO

Posso?

(tocando o rosto e o colo de Lady)

Lady, o silicone que você usou não é pra isso.

LADY DI

E eu tinha dinheiro pra coisa melhor?

MÉDICO

E hormônio? Já tomou?

LADY DI

Imagina, doutor! Hormônio é uma desgraça! Com ele a gente não funciona. E cliente nosso, não sei se o senhor sabe, gostar mesmo é de virar moça.

MÉDICO

É acho que é hora mesmo de você saber se tá doente...

O Médico está prestes a picar o braço de Lady quando Sem Chance se aproxima e apanha, delicadamente, o coletor da mão do Médico.

SEM CHANCE

Doutor, pode deixar que eu faço.

INT. GALERIA + CELAS -- AMANHECER

Plano de detalhe de um buraco ao lado da porta de uma cela, onde alguns velhos pares de sapatos e tênis estão depositados. Pelas

frestas dos guichês, a fraca luz do amanhecer invade a galeria. Vemos, pelas costas, quatro funcionários com canos e chaves nas mãos. Eles caminham, afastando-se da câmara. O primeiro de cada dupla abre os cadeados das portas. O outro, retira-os e puxa a tranca. Sons metálicos reverberam pelo corredor, enquanto alguns detentos começam a sair para a galeria.

#### FUNCIONÁRIO DO DESTRANQUE

Bom dia, malandragem! Tudo de pé!

Na galeria surgem Zico e Baiano. A dupla empurra um carrinho com grandes bules de café e leite, bem como uma grande cesta com pães. Nas portas de algumas celas vemos que se postam detentos com xícaras. Eles são servidos por Zico e Baiano que também lhes entregam pães. Nesse trajeto de Zico e Baiano pela galeria, a câmara, de passagem, mostra o interior de algumas celas. Numa vemos detentos sonolentos sentados sobre suas camas, enquanto um companheiro veste sua calça bege sobre uma bermuda; de outra surge um preso chupando uma laranja; de uma terceira surge Capote que, com um aceno de cabeça cumprimenta Zico e, silenciosamente, encosta a porta. A maioria dos presos sai apressada, causando um crescente alvoroço. Zico chega diante de uma nova cela. Ali, sentados em suas camas, dois detentos aguardam. Um deles, o japonês Fuinha que mastiga um sanduíche, ergue-se na direção de Zico. Ele traz uma cédula em seu prato.

#### FUINHA

Aí Zico, pão minha mulher já trouxe na visita. Tô querendo é meu doce.

Zico apanha o dinheiro e guarda no bolso. Em seguida deixa cair uma pedra de crack no prato.

#### INT. GALERIA + CELA 4 (MAJESTADE) -- DIA

Zico bate na porta fechada de uma cela. Em seguida, lentamente, empurra-a e entra carregando um prato com pão e o bule de café.

Trata-se da cela individual de Majestade, bem mobiliada e decorada com as bandeiras do Corinthians e do time do Pavilhão 9. Vemos também, numa prateleira, bolas, troféus e dois porta-retratos; em cada um, uma foto de mulher: Dalva (branca) e Rosirene (mulata). O detento (35 anos, negro, longilíneo) encontra-se costurando uma bola de futebol. Zico pousa o prato com pão numa mesa e serve café numa xícara. Então enfia a mão no bolso e retira dali um papel dobrado. Passa-o a Majestade. Este pára de costurar e desdobra o papel, revelando uma lista de nomes e um maço de dinheiro.

#### MAJESTADE

Pô, se Ezequiel não pagá vô tê que tirá do teu.

Zico cala contrariado.

#### INT. GALERIA + CELAS -- DIA

O alvoroço matinal na galeria se intensifica. A câmera segue até encontrar Deusdete que, hesitante, vem no sentido oposto ao que Zico percorria antes. Deusdete carrega um pequeno pacote e um cobertor. Ele observa o interior de uma cela onde um grupo de detentos ora de mãos dadas e cabeças baixas. Todos ali usam mangas compridas. Deusdete segue pela galeria movimentada. Presta atenção numa outra cela, limpa e adornada por posters de galãs e bibelôs. Há duas camas. Uma delas tem o colchão nú e enrolado. A outra, de casal, está impecavelmente arrumada. Ali, um detento de aspecto humilde e efeminado, pano na cabeça, camiseta regata e shortinho, passa roupa. Deusdete hesita à porta mas termina por dar um passo para dentro.

DEUSDETE

A cama tá vazia?!

DETENTO EFEMINADO 2

A cama tá mas a cela tem dono. O patrão foi só visita a família e quando voltá vai querê tudo do jeitinho que ele deixou.

O Detento Efeminado volta à passar roupa. Deusdete, contrariado, sai.

INT. CELA 5 (CELA DE PEIXEIRA, ANTONIO CARLOS E EZEQUIEL) -- --  
DAY

Ezequiel acaba de pipar seu cachimbo de crack. Em meio à fumaça, sobre uma velha prancha que está no chão, ele imita a posição de um surfista que vê no grande poster colado junto ao seu beliche. Na foto, o surfista desce uma enorme onda que mais parece uma parede d'água. Peixeira, no outro beliche, ainda está deitado e observa Antonio Carlos que vai saindo e quase tromba com Deusdete que entra na cela.

DEUSDETE

(indicando a cama nua sobre Peixeira)

Tem vaga aí?

PEIXEIRA

Tem sim.

Deusdete coloca sua troucha e cobertor sobre a cama.

PEIXEIRA (CONT'D)

Só que custa 200 paus.

DEUSDETE

Pagá pra dormi?! Tô preso, meu!

PEIXEIRA

Lá fora tu mora de graça?

EZEQUIEL

Se quisé ficá, dorme aí no chão.

Zico, sorridente, entra na cela surpreendendo Deusdete. Os amigos apertam as mãos e se abraçam.

ZICO

Deusdete não vai pro chão não. Ele já tem onde morá.  
(para Deusdete)

Pô Deusdete, bem que eu disse... Acabou fazendo o que não devia.

INT. CELA 4 (MAJESTADE) -- DIA

Majestade observa pedras de crack num saco plástico. Dobra o saco e o embrulha metodicamente num segundo saco maior. Aperta firme e enfia o embrulho no fundo de um ralo. Repentinamente, Majestade puxa o braço para fora do vaso sanitário. Pendurada em seu dedo, mordendo firme, vem para fora uma grande ratazana. O detento sacode o braço, fazendo o animal bater contra a parede. Ainda assim, a ratazana não larga seu dedo.

MAJESTADE

Ai caralho! Puta que pariu! Larga! Larga! Ai, ai...  
larga desgraçado! Ai, ai...

(off)

Bati ele na parede mais de deiz veiz! O demônio num largava!

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Lula sutura cuidadosamente o dedo de Majestade que encolhe-se e geme de dor. Sem Chance, prestativo, coloca um cachimbo de crack na boca do cirurgião. Lula dá uma longa baforada, prende a respiração.

SEM CHANCE

E aí, morreu?

MAJESTADE

Ai cacete... Morreu nada! Mas eu segurei ele firme e cravei os dente na mente do infeliz. Depois escovei a boca e já era.

Lula retoma a sutura.

MAJESTADE (CONT'D)

(entre gemidos)

Ai, mãezinha... vela eu, mãezinha.

SEM CHANCE

Te acalma malandro. Já apanhô de cano de ferro e não abriu a boca.

Lula solta a fumaça. Sem Chance volta a aproximar o cachimbo da boca do "cirurgião", quando o Médico abre a cortina do biombo, surpreendendo a todos.

MÉDICO

Comeram seu dedo, Majestade?  
(dando-se conta de Lula fumando crack)  
Porra Lula, fumando crack! Assim você não opera.

LULA  
Desculpa aí, doutor, mas eu fumo é justamente pra  
operar.

MÉDICO  
O que é isso?! O crack tira o controle dos movimentos!

LULA  
(voltando a suturar)  
Aí que o senhor se engana, doutor. Pra mim ajuda: vejo  
os vaso de sangue brilhando fluorescente. Parece  
aqueles cassino de Las Vegas!

MAJESTADE  
(entre gemidos)  
Ai, mamãezinha querida...

SEM CHANCE  
(para Majestade)  
Te acalma malandro.

LULA  
Vê só doutor: mão firme;...  
(dando o último ponto)  
A distância entre um ponto e outro não tem nem um  
milímetro.

Lula corta a linha e tira suas luvas.

MAJESTADE  
Deus abençoe vocês. Deus te proteja Lula.

LULA  
Chega Majestade. Muito Deus na boca de ladrão, não  
presta!

O Médico pega a mão de Majestade para avaliar o trabalho de Lula.  
Nota as duas alianças num dedo.

MÉDICO  
Ué, casou duas vezes?!

MAJESTADE  
(indicando uma das alianças)  
Essa daqui é da Dalva, minha princesa!

EXT.CAMPO DE VÁRZEA NA PERIFERIA -- DIA

Um velho Fusca estaciona diante de grande terreno baldio.  
Majestade desce do carro e avança pelo terreno até um campo de  
terra batida, onde transcorre uma partida de futebol.

MAJESTADE

(off)

Doutor, é que pra mim a vida é um carrossel e um  
cavalinho só é pouco!

O animado público grita para os atletas. Majestade aproxima-se de uma grelha de churrasco. Em meio a fumaça, está Dalva, uma jovem branca de vestido com flores estampadas e avental, que serve espetinhos. Na cobrança de uma lateral, o jogador que tem a bola nas mãos, aproveita para chegar até Dalva, beijá-la e depois voltar ao campo. Majestade, decidido, encara Dalva que acaba de pegar, para si, um pedaço de calabreza.

MAJESTADE (CONT'D)

Tu acredita em amor à primeira vista?

DALVA

Quê?!

MAJESTADE

Vem comigo... vou te pedi em casamento pros teus pais.

DALVA

Sai fora! Tu nunca me viu!

MAJESTADE

(sorrindo)

Tá errada!

DALVA

(mastigando)

Tô errada?! Você nem me conhece!

MAJESTADE

Conheço sim. Sei que tu gosta de calabreza... Sei que fica linda num vestido de florzinha... e sei que tu merece mais do que esse perna de pau aí...

DALVA

Meu noivo?

MAJESTADE

Noivo?! Isso é atraso de vida.

Dalva ri quando Majestade, discreto, encosta seu braço ao dela.

MAJESTADE (CONT'D)

Olha só que beleza de mistura! Vam'tê um filho de cada cor.

(pegando um espetinho e afastando-se)

Te espero no carro...

INT/EXT. CARRO + RUA DIANTE DO CAMPO -- DIA

Majestade descansa no banco reclinado de seu carro (o velho Fusca, com interior adereçado com penduricalhos). Ele está virando um

gole de uma latinha de cerveja quando é surpreendido por Dalva que aparece na janela.

DALVA

Você falou sério?

MAJESTADE

(tocando o rosto de Dalva)

Como nunca na vida.

Chega o noivo de Dalva, ainda no seu sujo uniforme de futebol. Ela volta-se para o esportista mas permanece junto do veículo.

NOIVO DE DALVA

Que pôrra é essa, Dalva?! Que é que você tá fazendo aí?

Majestade, calmo e seco, desce do carro.

MAJESTADE

(para o Noivo)

Te manda.

NOIVO DE DALVA

O quê?! Ô, Dalva... quem é esse?

MAJESTADE

O marido dela.

NOIVO DE DALVA

Marido?!

MAJESTADE

Pois é. Tamo casando.

NOIVO DE DALVA

Dalva, vam'bora!

Majestade, delicado e decidido, segura o braço de Dalva. Quando seu noivo dá um passo na sua direção, Majestade saca seu revólver e dá três tiros para o alto. O noivo de Dalva faz meia volta e sai correndo, perdendo o pé de chuteira.

MAJESTADE

Tu viu?! Tu viu, né? Se fosse amor que ele sentia, não tinha fugido! Qualé? Deixá roubá a mulher!

Dalva sorri. Majestade entra no carro.

MAJESTADE (CONT'D)

Amanhã, às oito, reúne tua família que eu vou te pedir em casamento.

INT. CASA DA FAMÍLIA DE DALVA -- NOITE

No sofá da sala estão sentados Majestade e Dalva (ambos com roupas diferentes das da cena anterior. Majestade, em especial, usa uma

camisa social, calças e sapato). Em torno da pequena mesa de jantar estão a mãe de Dalva, dois irmãos e a caçula. Todos brancos. O pai de Dalva - Seu Sidney - permanece em pé, junto da mesa.

MAJESTADE

(amistoso e confiante)

Seu Sidiney... Tô aqui com o senhor, sua família, sua filha... no maior respeito e de coração aberto, que ninguém nunca amou a Dalva que nem eu.

SEU SIDNEY

(um tom acima)

Vou falá uma vez só: prefiro minha filha morta do que casada c'um negro malandro.

MAJESTADE

Ai o senhor me ofende... O senhor mal me conhece.

SEU SIDNEY

Conheço o suficiente pra saber que não passa de um preto vagabundo!

MAJESTADE

Olha seu Sidiney...

SEU SIDNEY

Não olho nada!

(para Dalva)

Minha filha, você não é mais menina pra cair na conversa de preto!

Majestade saca seu revólver e sobe na mesinha de centro.

MAJESTADE

Cala a boca! Todo mundo pro banheiro!

Sob a mira de Majestade, a família assustada vai entrando num pequeno banheiro.

MAJESTADE (CONT'D)

Vai, vai logo! Vai entrando!

(para Dalva)

Dá um tchau pro teu pessoal que vai demorá pre'les botarem o olho em ti!

O pai de Dalva ainda volta-se para ela.

SEU SIDNEY

Filha, pensa bem: cê vai fazê essa besteira?

Majestade estende a mão para Dalva que a pega. O negro, ainda sobre a mesinha, traz a mulher para perto de si e, carinhoso, a envolve com seu braço. Ela recosta a cabeça em seu peito.

MAJESTADE

(off)

Casei foi ali mesmo. Levei meu amor comigo; a minha mão preta no algodão da mão dela...

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 36. O Médico, Sem Chance e Lula acompanham a história de Majestade. Lula, metódico, termina de lavar os instrumentos cirúrgicos e coloca-os na estufa. O Médico prepara uma injeção.

MAJESTADE

... Coisa melhor não podia tê acontecido comigo. A Dalva me deu uma família...

MÉDICO

(fazendo a seringa espirrar)  
Parou de roubar?

MAJESTADE

O que é isso, doutor! Com ela ao meu lado, parti foi prum esquema melhor. Pegava carro importado e levava pro Paraguai. Botava o dinheiro no bolso e voltava pro aconchego do lar.

MÉDICO

(aplicando a injeção)  
E tem filhos?

MAJESTADE

Tenho três com a Dalva. E mais um com Rosirene. O senhor sabe: o demônio só tenta quem tá perto de Deus. Já aconteceu isso com o senhor? Paixão arrebatadora?!

INT/EX. BAR/CALÇADA -- NOITE

Num balcão de bar, vemos a mulata Rosirene usando shorts e bustiê. Ela morde um torresmo e o mastiga observando sem tirar os olhos de algo que não vemos. Desvia o olhar apenas para alcançar o copo de caipirinha e sorver um bom gole. Volta a olhar para o mesmo lugar. Na calçada, diante do um bar, Majestade samba com Dalva, esta com um filho no colo. Músicos ocupam duas mesas com seus instrumentos. Outros casais ensaiam passos em torno de Majestade e Dalva. Ela, exímia passista, gira com o filho que ri e chama a atenção de todos. Majestade repara em Rosirene que sorri e desvia o olhar. Ele fala algo no ouvido de Dalva e entra no bar. Aproxima-se do balcão.

MAJESTADE

(para o proprietário)  
E essa mina aí?

PROPRIETÁRIO DO BAR

Essa mina aí, tá aí.

MAJESTADE

(para Rosirene)  
A morena não samba?

ROSIRENE

(afastandos-se para o fundo do bar)  
Não sou macaco pra ficar pulando à toa...

Majestade segue Rosirene.

MAJESTADE

Quer um motivo pra pulá?

ROSIRENE

Acho quem quem tá a fim de pulá e você... a cerca.

MAJESTADE

Olha aí, vô deixá minha esposa e as criança em casa.  
Pega teu biquini que eu volto pra te buscá. A  
gente vai passá o domingo na praia.

Dalva se aproxima.

DALVA

Essa nega aí sabe que tu tem dona?

MAJESTADE

Qué isso, Dalva? Tava indo no banheiro!

DALVA

(pondo a mão sobre a braguilha da calça de  
Majestade)  
E isso aqui, tá assim por que?

ROSIRENE

Parece que alguém não tá cuidando bem dele.

DALVA

Vê o que cê fala, sua nega fedida!  
(empurrando Rosirene)  
Acho bom saí de perto do meu homem ou tu vai se dá mal!

Rosirene revida. As mulheres trocam tapas e puxões de cabelo.

MAJESTADE

Pára, Dalva! Pára com isso!

Majestade separa as mulheres, empurrando uma para cada lado.

MAJESTADE (CONT'D)

(para Dalva)  
Num falei pra pará?

Majestade sai puxando Dalva pelo braço.

ROSIRENE

E a nossa praia? Furô?

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 40. O Médico, Sem Chance e Lula, rindo, acompanham a história de Majestade.

MÉDICO

Ué, e a mulata?

MAJESTADE

Nesse particular, virei foi equilibrista. Da segunda até a quinta, era da Dalva. O resto ficava com a Rosirene. Aluguei pra nós um quartinho perto da Rodoviária Velha. A gente vivia no maior amor...

INT. QUARTO DE MAJESTADE/ROSIRENE NO HOTEL COPA 70 -- DIA

Num pequeno quarto de hotel barato, Majestade coloca pasta na escova de dentes e escova-os diante da pequena pia no quarto. Rosirene, nua, abraça-o por trás, tira-lhe a escova das mãos e passa a escovar os próprios dentes. A mulata, oferecida, se coloca entre Majestade e a pia. Inclina-se, esfrega a bunda no homem, voltando o rosto sorridente e malicioso para ele.

EXT. VIADUTO -- NOITE

Duas prostitutas fumam diante da fachada de uma boite. Homens entram e saem acompanhados de mulheres em roupas mínimas. Diante da boite, uma avenida com grande movimento, e sobre a mesma um viaduto, que serve de abrigo para alguns mendigos. Junto de uma fogueira eles conversam entre caixas de papelão e móveis velhos. Um carro estaciona diante da boite e de seu interior, sai Rosirene, rindo em suas roupas mínimas. O carro parte e Rosirene junta-se as prostitutas. Majestade aproxima-se decidido.

MAJESTADE

(nervoso)

Tu não desiste dessa vida, né? Já não te falei que eu te banco?

ROSIRENE

Sempre ganhei meu dinheiro.

MAJESTADE

E tu sabe quem é esse cara que tu tava?

ROSIRENE

O que você está fazendo aqui? Hoje não é o dia da Branquinha?

MAJESTADE

Não desvia o assunto! Tu sabe quem é ele?

ROSIRENE

Sei! E daí?

MAJESTADE

Eu não te disse: "se quisé se virá, se vira. Só não dá pra amigo meu que eu te quebro o pescoço!"

ROSIRENE

Amigo teu, o Farofa?! Majestade!!? Tu é um pé de chinelo. E mais, ele ainda me disse que, quando separá da esposa, vai se muda comigo pra Miami! Ó, qué sabê? Tô indo!

Rosirene avança a rua na direção da ilha da avenida onde os mendigos converam. Majestade a segue.

MAJESTADE

Vai para onde?

ROSIRENE

Miami meu amor! Miami!

MAJESTADE

Pois então vai levá uma lembrança minha!

Majestade apanha um pedaço de madeira em brasa da fogueira dos mendigos e segue a mulher. Insano, o ladrão chacoalha a madeira no ar fazendo fagulhas voarem em torno. Rosirene atravessa a segunda pista da avenida enquanto alguns carros desviam, outros freiam buzinando e xingando.

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 42. Majestade gesticula com o braço, simulando o açoitado visto na cena anterior. Os outros riem.

MAJESTADE

(rindo)

Vê se pode doutor, dando pra amigo meu e ainda os dois fazendo plano! De madrugada, volto pro quartinho e o que eu vejo?

INT. QUARTO DE MAJESTADE/ROSIRENE NO HOTEL COPA 70 -- NOITE

A porta abre-se lentamente. Majestade observa Rosirene deitada, encolhida, na cama.

MAJESTADE

Putá vida, vai embora daqui, já!

ROSIRENE

Não vô.

MAJESTADE

Vai embora já!

ROSIRENE

Não vô.

MAJESTADE

(puxando Rosirene pelo braço)

Vai, porra!

Rosirene, sedutora, vira-se de costas e empina-se oferecida.

ROSIRENE

(sedutora)

Não vô... Morde eu.

MAJESTADE

Vai embora.

ROSIRENE

Morde vai, uma última vez, vai! Morde que depois eu vou.

Majestade ergue a mini-saia de Rosirene e morde suas nádegas, cada vez mais forte. A mulher grita excitada.

INT. QUARTO DE MAJESTADE/ROSIRENE NO HOTEL COPA 70 -- MADRUGADA

Majestade e Rosirene dormem abraçados na cama, sob um lençol. Dalva entra no quarto, trazendo um filho no cólo e outro pela mão.

Silenciosa, ela pára junto da cama e observa o casal. Depois vê, no chão, uma garrafa de álcool; apanha-a e espalha o líquido sobre o lençol, risca um fósforo e atea fogo. Majestade e Rosirene, nus, pulam da cama. Em meio à fumaça e ao fogo que se espalha, Majestade procura as calças para vestir.

DALVA

Isso é pra tu aprendê a não pegá o que é dos outro, viu piranha?!

ROSIRENE

Pois é bom tu sabê que a piranha aqui tá esperando um filho dele.

INT. CORREDOR DO HOTEL COPA 70 -- NOITE

Rosirene e Majestade, algemado e escoltado por dois policiais, saem para o corredor do hotel Copa 70. Alguns poucos hóspedes observam curiosos. Ele usa apenas calças; ela tem com o corpo escondido por um cobertor chamuscado. Depois vem o filho maior de Majestade. Dalva segue atrás, com a outra criança no colo e desvencilhando-se de um terceiro policial.

MAJESTADE

(off)

Pra limpá a barra da Dalva, assumi a culpa pelo incêndio.

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 45. O Médico, Sem Chance e Lula seguem ouvindo Majestade.

MAJESTADE

Só que a Lei tava atrás de mim fazia tempo. Nessas, o fogaréu me rendeu 16 ano que eu consegui derrubá pra 10.

MÉDICO

E o romance? Valeu a pena?

MAJESTADE

Ih doutor, aquela nega me enfeitiçou!

INT. CELA 6 (ZICO E DEUSDETE)-- DIA

Plano de detalhe de um copo de água. Ao som de música, vemos uma seringa usada ser colocada no copo, sugar água e devolvê-la, formando uma onda vermelho rubro.

Zico, Barba e o japonês Fuinha, estão sentados em torno de um caixote com papelotes, colher, seringas e um CD-Player ligado. Baiano, sentado na janela gradeada com as pernas para fora, pendura-se de cabeça para baixo, como um trapezista. Zico retira a agulha do braço de Fuinha e coloca essa segunda seringa no copo com água. Fuinha, dentes cerrados, esvazia as seringas e tira-as do copo, levanta e fica andando de um lado para o outro. Barba, rosto colado à uma TV ligada sobre a cama, não para de mudar de canal. Sem Chance colhe roupas e objetos, colocando tudo numa sacola de feira. Deusdete, no alto do beliche, lê uma carta.

FUINHA

Meu, tomava pico co'um cara. A mulhé dele era mais feia que a fome, mas era só injetá a farinha que ele entrava numa que eu queria comê ela. Aí queria me matá. Saia correndo com uma faca atrás de mim até nós perdê o folêgo. Aí o barato baixava, voltava tudo pra casa, pedia desculpa. Normal, na amizade. A gente tomava outro baque. Era paranóia e correria tudo outra vez.

BAIANO

(para Sem Chance)

Ué, vai abandoná os amigo?

FUINHA

E você não ia?! Cama, comida e roupa lavada!

SEM CHANCE

(saindo da cela)

Fui.

ZICO

(para Deusdete)

Tua irmã fala de mim aí? Fala, né?

(pausa)

Ô Deusdete, diz aí, o que tua irmã fala de mim?

DEUSDETE

Pergunta se cê tá bom.

ZICO

Só isso?

DEUSDETE

Que que cê queria mais? Se soubesse o que cê anda fazendo, nem isso ela ia perguntá.

ZICO

Eu acho que ia, mas tu pensa o que achar melhor, né!

DEUSDETE

Não era tu que dizia: quem vende não usa?

Ezequiel abre a porta. Ofegante e cheio de tiques, usando sua surrada camiseta de surfista e chinelos, ele permanece à porta, com sua velha prancha de surf sob um braço.

ZICO

Como é que é? Veio acertá tua dívida?

Ezequiel estende a prancha para Zico.

EZEQUIEL

Ó mano, no momento, Ezequiel tá meio prejudicado. Aí ele pensô: "o Zico é chegado, vai aceitá a prancha de garantia pela dívida". Assim Ezequiel pode fiar uma pedrinha de crack.

ZICO

(indo até a porta)  
Pensô errado.  
(empurrando Ezequiel)  
Paga o que tu deve!

Ezequiel cai sentado no meio da galeria. Alguns detentos que passam por ali, páram e riem.

EZEQUIEL

(falando alto, para os curiosos em torno)  
Olha aí, num qué vendê uma pedrinha pro Ezequiel. Sabe porque? Zico é fominha! E pedra boa, ele tem? Tem.

Zico, irado, fecha a porta na cara de Ezequiel; pega o copo de sobre o caixote e começa a beber.

DEUSDETE

Não bebe isso! É sangue puro!

ZICO

(depois de engolir)  
Nossa! Nem percebi, ó. Pensei que era água.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Médico, Lula e, um passo atrás, Sem Chance, caminham diante de alguns pacientes em seus leitos. Lula passa algumas fichas para o Médico.

LULA

A infecção na facada do Hildo já era. Este aqui, doutor, baixou com febre e passou a noite suando. Já comecei com o antibiótico. Mas acho que não adianta. Para mim é AIDS.

Gilson, ofegante, chama a atenção do Médico. O detento tem curativos e hematomas no rosto. Ele puxa o Médico pelo jaleco tentando se fazer ouvir.

GILSON

Doutor, não quero morrer... Me tira daqui!

O doutor vê uma máscara de oxigênio pendurada perto do detento. Rápido, o médico recoloca a máscara em Gilson. Lula e Sem Chance permanecem imóveis.

MÉDICO

Quem tirou o oxigênio?

LULA

Prá ele não tem. Isso é 213, estupro.

MÉDICO

Pra nós é um paciente.

GILSON

Doutor, doutor... Me manda pro Amarelo! Preciso ir prum lugar seguro!

O Médico encara Sem Chance e Lula enquanto vai na direção da porta. Sem Chance ainda volta-se para ele.

SEM CHANCE

Desculpa, doutor, eu sô contra pena de morte, mas sou a favor no caso de estupro. Pra mim é sem chance.

EXT. MURALHA / CORETO -- ENTARDECER

Sobre a guarita da muralha, uma revoada de pombas. Cam desce até Seu Chico, que de mangas compridas, tem os cotovelos apoiados nas coxas e a cabeça afundada nas mãos. Ele está sentado num banquinho no coreto "decorado". Sobre uma mesa está estendida uma toalha. Há um vaso com flores, bolachas e refrigerantes.

Sobre os degraus da escada foi estendido um tapete vermelho. Após alguns segundos, o Funcionário Porteiro aproxima-se e indica seu relógio.

FUNCIÓNÁRIO

Vamo velho! Já passô da hora da tranca!

O velho detento enrola o tapete, pega as bolachas, refrigerantes e o vaso com flores. Equilibrando tudo, começa a caminhar. O funcionário segue-o um passo atrás. Seu Chico pára e lança um olhar entristecido para o topo da muralha.

FUNCIONÁRIO (CONT'D)

(sarcástico)

Anda velho! Tá olhando o quê? Acha que os filho vão chegá pulando a muralha?!

Seu Chico, irado, larga tudo o que carrega, empurra o funcionário contra a parede e desfere-lhe uma violenta cabeçada. O homem dobra-se de dor, levando a mão ao rosto. Antes que Seu Chico possa fazer qualquer coisa, é agarrado por outros funcionários que chegam. O detento debate-se.

INT. GALERIA/CELA 7 (CASTIGO) -- ENTARDECER

Seu Chico, escoltado por dois funcionários e por Seu Pires, pára diante de uma cela fechada. Um dos funcionários destranca e abre a porta que dá para uma cela escura. Poucos filetes de luz atravessam a chapa de aço sobre a janela. Seu Pires coloca-se de lado para ceder passagem a Seu Chico que entra na cela.

SEU PIRES

(para Seu Chico)

Procurou, né?

Seu Chico sorri entristecido. Seu Pires procura no bolso e entrega uma moeda ao detento.

SEU PIRES (CONT'D)

A gente se vê no mês que vem...

A porta é fechada na cara de Seu Chico.

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Sem Chance e Lady estão sentados diante do Médico.

SEM CHANCE

Doutor, a gente qué assumi nosso caso, no maior respeito e sinceridade.

LADY DI

O senhor entende, né, pra pode transá mais livre, que com aquela borracha não é a mesma coisa.

MÉDICO

(para Sem Chance)

Não tinha sentido mesmo. Ela fazer o teste e você não.

LADY DI

(para o Médico)

Doutor, só que ele tá com medo.

MÉDICO

Medo de que?

LADY DI

(irônica)

Medo de injeção.

MÉDICO

(caçoando)

Sem Chance?!

SEM CHANCE

Não é isso não.

LADY DI

Então é medo de casá!

Lula, esbaforido, surge à porta do consultório.

LULA

Doutor, tão precisando do senhor! Urgente!

INT. GALERIA/CELA 6 (ZICO E DEUSDETE) -- DIA

Zico é amparado por Deusdete. Os detentos à porta recuam um passo quando o Médico chega.

MÉDICO

Gente, vamo afastá. Não dá nem para respirar aqui!

DEUSDETE

Agora tá tudo bem.

ZICO

Apaguei, doutor.

MÉDICO

Assustando a gente, Zico?

DEUSDETE

Foi bom, doutor. Assim ele vê o que a droga faiz.  
Explica pra ele...

MÉDICO

Droga? Falar o que? Mata.

(para Deusdete)

E você, quem é?

ZICO

É o Deusdete. Nós vivêmo a mesma infância.

INT. CASA DE ZICO -- TARDE

O garoto Zico (6 anos) está só, sentado no sofá de sua sala. A

luz da tarde banha o menino que, absorto, olha para frente. Diante dele estão as crianças Deusdete e Francineide (5 e 7 anos). A menina pega Zico pela mão.

ZICO

(off)

Um dia, minha mãe não voltô mais pra casa. Fiquei só.  
Esperei, esperei, até que ele e a irmã,  
Francineide, chegaram e me levaram pra morá com  
eles. Crescemo junto.

EXT. REPRESA -- DIA

Num dia ensolarado, Francineide, de biquini, toma sol num trapiche sobre as águas de uma represa. Zico, encorpado, improvisa uma pirueta e mergulha ao lado do magrelo Deusdete que bóia sobre uma câmara de pneu de caminhão. Os três já são jovens, entre 15 e 17 anos. Zico sobe no trapiche e senta ao lado da garota. Os dois sorriem. Repentinamente ouvem um grito de Deusdete. Vemos o garoto, aflito, debatendo-se para alcançar a câmara que se afasta. Zico pula na água, alcança Deusdete e vai puxando-o para perto do trapiche.

58 INT. CELA 6 ( ZICO E DEUSDETE) -- DIA

Continuação da cena 55.

DEUSDETE

(para o Médico)

Foi o Zico que me salvô.

ZICO

É doutor, desde pequeno, eu sempre cuidei dele.

DEUSDETE

É, só que depois você deu de escolhê o caminho errado.

ZICO

(para o Médico)

Doutor, que mal há em buscar maconha em Pernambuco e  
vendê prá quem qué usá? Coisa a toa! Mais dois  
anos e tô fora.

(olhando para Deusdete)

Mas ainda nunca matei. Já o Deusdete...

MÉDICO

(para Deusdete)

O seu crime, qual foi?

Deusdete baixa a cabeça.

ZICO

Responda, Deusdete.

(para o Médico)

Doutor, de verdade, esse nem é do crime.

MÉDICO

Então tá aqui por quê?

DEUSDETE

(sem erguer a cabeça)

Uma noite... Tô em casa, chega minha irmã. Entrô correndo, toda esquisita e se trancô no banheiro.

INT. CASA DE DEUSDETE -- NOITE

Francineide, suja de terra, com alguns arranhões, a boca inchada e o vestido rasgado entra, bate a porta e desaparece correndo casa adentro. Deusdete, que trabalhava num aparelho de som desmontando, surpreende-se e a segue; chega diante de uma porta fechada. Bate.

DEUSDETE

Francineide...

Francineide não responde.

DEUSDETE (CONT'D)

Francineide, abre essa porta!

Francineide solta o trinco. Deusdete empurra a porta e entra. A garota chora aos soluços.

DEUSDETE (CONT'D)

Que é que foi? Conta aí! O que foi que aconteceu?

FRANCINEIDE

Era dois... me agarraro... levantaro meu vestido... um disse que queria me chupá... eu mandei ele chupá a mãe...

DEUSDETE

O que eles fizeram?

FRANCINEIDE

Me batero...

DEUSDETE

E daí? Que mais?!

FRANCINEIDE

Eu saí correndo, Deusdete. Saí correndo! Eu te juro!  
Não aconteceu nada!

Francineide ergue-se, passa por Deusdete e sai do banheiro.

EXT. LAJE NO TOPO DE UM MORRO DA PERIFERIA -- DIA

Deusdete termina de galgar os últimos degraus de uma escada e chega na laje de uma casa. É como um mirante que permite olhar quilômetros ao longe. Ali, Zico (cabelos compridos) e dois comparsas bebem cerveja, sentados em bancos de Kombi. Um aparelho de som compacto faz ecoar música em alto volume.

DEUSDETE

Zico.

ZICO

Pô Deusdete, você aqui?!

DEUSDETE

É que eu tenho um assunto aí...

ZICO

(para os comparsas)  
Dá licença.

Os comparsas se retiram.

ZICO (CONT'D)

(servindo um copo para Deusdete)  
Como é que tá a mãe?

DEUSDETE

Problema não é com ela não...  
(pausa)  
Uns caras azararo a Francineide...

ZICO

(preocupado, desligando o som)  
O que que fizeram com ela?

DEUSDETE

Ela disse que nada. Mas eu fui na delegacia dá parte.

ZICO

Delegacia, Deusdete?! Tu acha que polícia vai resolvê  
isso aí?

DEUSDETE

O pior é que os cara ficaro sabendo e agora tão atrás de  
mim.

ZICO

Deixa comigo que eu dô um jeito neles.

DEUSDETE

Não Zico. Do teu jeito não. Eu... só preciso de uma  
arma... que é pra me defendê.

Zico puxa uma caixa de baixo do banco de Kombi e a abre, revelando  
duas armas, um tijolo de maconha e vários pacotes menores da  
droga.

ZICO

(indicando as armas)  
Qual tu qué?

INT. CELA 6 (ZICO E DEUSDETE)-- DIA

Continuação da Cena 58. PP de Deusdete.

DEUSDETE

Doutor, mesmo com a arma, eu num pensava que ia acontecer. Mas era destino meu e deles que me acharo...

EXT. PONTO DE ÔNIBUS/RUA/FACHADA DE BAR -- NOITE

Um ônibus pára diante de um ponto. Ali, sentadas num banco de madeira improvisado, pessoas aguardam condução. Deusdete desce e caminha pela calçada. Dois rapazes erguem-se e o seguem pela rua.

RAPAZ 1

Aonde pensa que vai o dedo duro?

DEUSDETE

Não quero briga. Deix'eu ir pra casa.

RAPAZ 2

Você vai sim, mas antes, a gente vai te fazê uns carinho, que nem feiz na tua irmãzinha.

Os rapazes erguem barras de ferro. Deusdete saca seu revólver e atira duas vezes. Um dos rapazes cai morto. O outro sai correndo. Deusdete dispara um tiro, erra e segue no encalço do fugitivo.

Perseguidor e perseguido correm por um quarteirão. Deusdete vê quando o Rapaz refugia-se num bar. Deusdete pára e esconde-se atrás de um muro. Finalmente, o Rapaz sai do bar, olha desconfiado para um lado e para outro, terminando por atravessar a rua bem na direção do esconderijo de Deusdete. Este surpreende o inimigo e descarrega seu revólver, matando-o. Insano, continua disparando mesmo depois de acabarem as balas. Cai em si, afasta-se na direção do bar.

INT. BAR -- NOITE

Deusdete entra no bar. Os clientes, receosos, se retiram. Deusdete senta-se, coloca a arma no balcão, apoia os braços no balcão e pousa a cabeça sobre eles.

DEUSDETE

Eu queria uma coca cola...

INT. CELA 6 (ZICO E DEUSDETE) -- DIA

Continuação da Cena 61. Médico e Lula acompanham o final da história de Deusdete.

DEUSDETE

O senhor sabe com quantos anos eu vô saí daqui?  
(pausa)  
Quarenta e oito.

INT. CELA 7 (CASTIGO)-- DIA

Pelos orifícios de uma chapa de metal, entram filetes de luz que cortam a cela escura. Uma moeda cruza o quadro e cai no chão, tilintando. A mão de Seu Chico tateia o chão.

SEU CHICO

(off)

Um... dois... três... quatro... cinco... seis...

A mão encontra a moeda.

SEU CHICO (CONT'D)

(off)

Achei!

INT. COZINHA -- DIA

A cozinha tem paredes azulejadas, enormes panelas de pressão sobre fogões industriais, bancadas e pias. No centro do espaço, um grupo de 20 cozinheiros. Os homens, usando toucas brancas, encontram-se em meio a preparação do almoço: fritam centenas de bifes e bananas em enormes chapas, transferem arroz cozido dos panelões para as caldeirões de servir. Nego Preto mexe uma enorme panela de feijão. Ao seu lado, Peixeira.

PEIXEIRA

No dia de visita, então?

NEGO PRETO

Como você quiser. Agora pode í.

Peixeira retira-se. Zico aproxima-se.

ZICO

Nego, tô com um problema prá gente debatê.

NEGO PRETO

O problema tem nome?

ZICO

Ezequiel. Diz que vai pagá, não paga e pede mais fiado. Chega no meu barraco, sobe a vóis... Qualé?!

NEGO PRETO

E tu?

ZICO

Eu? Se não recebo, não tenho como pagar o Majestade. Nego, quero permissão pra matá esse pilantra. Se eu deixo por isso mesmo, perco o respeito co's companheiro.

NEGO PRETO

Calma. Vou mandá dizê ao Ezequiel que ele arrume o teu dinheiro com a família. Se ele não pagar, aí você

tá liberado.

Nego Preto cala-se. Zico afasta-se.

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Ezequiel, enfraquecido e tossindo, está em pé diante do Médico.

MÉDICO

Ezequiel, o crack mata

EZEQUIEL

Doutor, sem ele é muito pior

(pausa)

Dá alguma coisa para o Ezequiel fica vivo!

MEDICO

Se você quiser viver mais, tem é que largar a droga!

Fala a verdade: há quanto tempovocê está no vício?

EZEQUIEL

Vício mesmo o Ezequiel conheceu aqui na cadeia, que maconha nem é vício, certo Sem Chance?! Antes era diferente... É que Ezequiel é da praia. O sonho dele era í pro Havai, mas então a vida deu um caldo nele...

EXT. AVENIDA -- DIA

A câmera avança entre as longas filas de carros parados diante de um sinal fechado. Um moto-boy apressado serpenteia por esse caminho, quase tocando as paredes de metal e vidro formadas pelos veículos.

INT. CARRO -- DIA

A câmera no banco do passageiro enquadra o motorista (Sérgio) que aguarda a abertura do sinal, falando ao celular. Pela janela do motorista, vemos dois moto-boys passarem em velocidade. Uma terceira moto encosta; o

motoqueiro, Ezequiel(cabelo completamente tingido de loiro), traz uma das mãos sob a roupa "simulando uma arma". Ele arranca o celular da mão do motorista.

EZEQUIEL

Aí, o Rolex, passa ele agora... Vai! A carteira também...

Assustado, o motorista passa tudo ao ladrão que parte em disparada.

EXT. GALERIA DO ROCK- DIA

Diante de uma pequena loja de Cds e camisetas de grupo heavy metal, vemos Ezequiel. Por um instante, ele observa a balconista,

uma jovem com piercings no rosto e cabelo colorido.

Perto dela, duas crianças uniformizadas para a escola brincam. Ezequiel tem nas mãos a carteira e o Rolex roubados. Da carteira, ele retira o dinheiro, cartões de crédito. Pega o celular roubado e liga.

EZEQUIEL

(ao telefone)

Alô. Doutor Sérgio... É sobre o seu Rolex... O senhor sabe quanto vale... Eu tenho quem me dê mil. Quanto o Senhor me paga para ter o relógio de volta?... Humm, onde então?... Olha aí, vô arriscá na sua pessoa. Tenho seu endereço, hein?! Não quero surpresa, senão meu pessoal vai azarar sua vida! Até lá.

Ezequiel desliga o telefone e volta-se para a jovem da loja.

EZEQUIEL (CONT'D)

Minha irmã, vô deixa eles na escola. Te pego no fim do dia.

Ezequiel pega as crianças pelas mãos e sai.

APARTAMENTO SOFISTICADO -- DAY

Sérgio responde o telefonema de Ezequiel.

INT. HALL - APARTAMENTO SOFISTICADO -- NOITE

Ezequiel aguarda junto da porta de entrada. Sérgio (30 anos, alto e forte) abre-a.

EZEQUIEL

(entregando relógio e documentos)

Acho que isso aqui é seu.

SÉRGIO

(colocando o relógio no pulso)

Ah, você "acha"?

Sérgio entrega o dinheiro para Ezequiel, que conta as cédulas enquanto o outro observa.

SÉRGIO (CONT'D)

Tá tudo certo?

SÉRGIO (CONT'D)

(olhando atentamente para Ezequiel)

Ô cara, acho que eu te conheço... Você não me pegava onda?

EZEQUIEL

Pegava sim, lá em Maresias.

SÉRGIO

Porra, você não é o Maré?!

Ezequiel, surpreso, não reage. Sérgio mostra uma tatuagem de cobra em seu antebraço.

Sérgio levanta a mão no que é seguido por Ezequiel. Os dois batem mão com mão num cumprimento de surfistas.

EZEQUIEL

Cobra, não te reconheci, meu! Tô envergonhado.  
(Devolvendo o dinheiro)

Não posso ficar com isso. Me desculpa, meu!

Sérgio pega o dinheiro.

SÉRGIO

Tudo bem, cara. Tô sabendo, tá todo mundo na luta. Você sumiu! Quanto tempo! 10 anos?! Achei que tava no Havaí.

EZEQUIEL

Quem me dera... e tu já foi lá.

INT. SALA DO HOME THEATER -- NOITE

Num grande monitor de tela plana, vemos imagens em vídeo de Sérgio alguns anos mais jovem imensas ondas no Havaí. Vidrados nas imagens, ambos partilham um baseado.

EZEQUIEL

Pô Sérgio, tudo que eu sonhava na vida era pegar onda no Pipeline. tu já fez tudo que eu queria...

SÉRGIO

(segurando a fumaça)

E tu vai porquê?! Na vida é só querê.

EZEQUIEL

É que depois que o meu pai morreu, azarou. Tive que ir para São Paulo para sustentar minha irmã, com dois filhos, que o desgraçado do marido largou. Aí, eu virei motoboy.

SÉRGIO

(gargalhando)

Surfista virou motoboy!

Sérgio passa o baseado para Ezequiel.

SÉRGIO (CONT'D)

Quer saber, Maré? Sempre gostei de você. Vou te dar uma força: Tá a fim de um lance de duzentos mil dólares?

EZEQUIEL

Para com isso, Cobra.

SÉRGIO

(indicando o armário)

Nesse armário, tem uma mala cheia de verdinha.

EZEQUIEL

E daí?

Sérgio vai até o banheiro privativo da sala e pega a chave da porta.

SÉRGIO

Não posso pega. É do marido da minha mãe. Você é preto, ladrão, um bandido que me rendeu com uma arma e me trancou no banheiro. Entendeu?

(arremessando a chave para Ezequiel)

SÉRGIO (CONT'D)

Só que não faço caridade! Amanhã a gente se encontra pra dividir. Maré, dessa vez você vai pro Havaí!

Sérgio entra no banheiro e encosta a porta.

INT. ELEVADOR - APTO SÉRGIO -- NOITE

Tenso, Ezequiel agarra contra o peito uma valise e observa o painel onde os números dos andares diminuem. Ele procura evitar o olhar de um casal ao seu lado. Abre a mala e sorrindo, confere seu interior. Torna a fechá-la.

EXT. RUA -- NOITE

A porta automática de uma garagem de prédio, termina de abrir-se. Do subsolo cresce o som da moto de Ezequiel. O farol aponta na escuridão. Ezequiel acelera mais e a moto surge em velocidade, avançando para a rua. Ato contínuo, ouvimos a moto e um carro frearem abruptamente. Ezequiel e sua moto caem no chão a milímetros de uma viatura policial. A valise se abre, fazendo revoar uma grande quantidade de dólares. também no chão, uma pistola automática.

Ezequiel, atordoado, ergue-se para dar de cara com um homem fardado que aponta uma arma.

POLICIAL

Parado aí.

MULHER DO POLICIAL

(off, aos gritos)

Zé Maria! Zé! Estourou a bolsa!

Ezequiel lança um olhar no banco de trás da viatura, onde uma mulher se contorce em trabalho de parto.

MULHER DO POLICIAL (CONT'D)

Zé Maria! Tá nascendo! Teu filho tá nascendo!

O policial divide-se entre observar a mulher que grita e apontar a arma para Ezequiel. Boquiaberto com seu azar, Ezequiel ergue os braços.

EZEQUIEL

(atônito)

Nasceu...

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 67.

EZEQUIEL

Dia de azar, doutor. De modos que Ezequiel tá aqui desse jeito que o senhor pode vê, cheio de dívida e sabendo que se num pagá, os sobrinho dele num vai mais tê quem visitá! Ezequiel precisa de dinheiro. O Senhor receita umas vitamina, que tem quem compre elas. Por favor, a vida do Ezequiel tá na sua mão!

MÉDICO

Então é isso, Sem Chance? Eu receitando vitamina pra malandro vender e nunca ninguém me disse nada?!

SEM CHANCE

Doutor, o senhor ajuda nós e nós agimo legal com o senhor, mas entregá os companheiro. É sem chance.

INT. CELA 7 (CASTIGO) -- DIA

Pelos orifícios da chapa de metal à janela, entram filetes de luz que cortam a cela escura. A mão de Seu Chico tateia o chão.

SEU CHICO

(off)

sessenta e um... sessenta e dois... sessenta e três...

A mão encontra a moeda.

SEU CHICO (CONT'D)

Achei!

INT. ENFERMARIA -- DIA

Plano de detalhe da radiografia dos pulmões de um tuberculoso.

MÉDICO

(off)

Sem Chance, esse homem já perdeu um pulmão.

(um dedo indica uma mancha na radiografia)

E o outro tá bem comprometido.

Claudiomiro, na cama, tem o rosto encovado e respira com grande dificuldade. Antonio Carlos tenta fazer com que o amigo doente engula duas pilulas.

ANTONIO CARLOS

(para Claudiomiro)

Toma o remédio, mano.

(para o Médico)

Olha aí, não tá tomando.

MÉDICO

Ô meu, parece criança. Tem que tomar se não você não cura.

Claudiomiro tosse. Antonio Carlos coloca um lenço sob seus lábios. Uma pequena mancha de sangue surge no lenço. Antonio Carlos fala olhando mais para o amigo do que para o Médico.

MÉDICO (CONT'D)

E lá fora, ele fazia o que?

ANTONIO CARLOS

A gente fazia assalto de carro forte. Planejavamo tudo só nós dois. Cinco, seis meses pegando informação, fazendo amizade até com a família dos segurança.

MÉDICO

E isso dá dinheiro?

ANTONIO CARLOS

Dá muito, doutor, mas o dinheiro só vale metade.

EXT. RUA / CASA POBRE -- AMANHECER

O Sol começa a banhar um bairro antigo, repleto de casas simples. Um carro avança pelas ruas desertas e termina por estacionar diante de um sobrado humilde. Claudiomiro e Antonio Carlos, banho tomado, descem do carro e entram no sobrado.

ANTONIO CARLOS

(off)

A outra a gente põe na poupança pros dias de dificuldade ou pra comprá a policia.

INT. CASA POBRE -- AMANHECER

Claudiomiro e Antonio Carlos tomam café da manhã numa cozinha humilde. Dona Alzira (65 anos, pele e cabelos brancos) coloca sobre a mesa um bolo de fubá.

A velha senhora sai da cozinha. Os homens servem-se bolo. Claudiomiro come, molhando o bolo no café com leite. Dona Alzira retorna, mal aguentando o peso de uma grande sacola com zipper. Claudiomiro ergue-se, pega a sacola, coloca sobre a mesa e abre-a. Ele e Antonio Carlos checam o armamento ali guardado: fuzis de

repetição, metralhadoras, revólveres, intercomunicadores etc. Antonio Carlos confere a hora no relógio. Claudiomiro fecha o zíper da sacola e joga-a no ombro. Dona Alzira faz o sinal da cruz no rosto dos dois homens.

DONA ALZIRA

Deus proteja você... Deus proteja você.

EXT. ESTRADA DE SERRA -- AMANHECER

O carro capô aberto, está parado em diagonal na pista.

Antonio Carlos e três comparsas usam dois macacos, para erguer uma das laterais do carro. Claudiomiro, sentado na mureta, fuma um cigarro. Claudiomiro, binóculos diante dos olhos, observa ao longe. Baixa os binóculos e volta-se para Antonio Carlos.

CLAUDIOMIRO

Tá na hora.

Antonio Carlos e os três comparsas viram o carro sobre uma das suas laterais.

ANTONIO CARLOS

(Aproximando-se de Claudiomiro)

Eu par.

CLAUDIOMIRO

Eu ímpar.

Antonio Carlos perde, caminha até o meio da pista e senta-se no asfalto. Claudiomiro, observa a estrada.

Repentinamente volta-se para Antonio Carlos, fazendo-lhe um sinal de positivo. Claudiomiro joga o cigarro dentro do motor causando uma explosão. O Carro incendeia-se. Antonio Carlos deita-se atravessado no asfalto simulando-se vítima.

Câmera rente ao chão enquadra Antonio Carlos deitado. Ele fecha os olhos. Ao fundo, vemos surgir um carro forte que buzina algumas vezes até que freia próximo do corpo de Antonio Carlos. Da mata em torno, saem Claudiomiro e seus comparsas armados com fuzis e metralhadoras. Eles cercam o carro forte. Um deles dispara contra os pneus. Antonio Carlos ergue-se. Ele e Claudiomiro, pistolas em punho, ameaçam atirar contra o pára-brisa.

ANTONIO CARLOS

E aí, vam'descê porra!

CLAUDIOMIRO

Se não sairem o azar é da viúva de vocês!

A porta do blindado se abre e saem três agentes uniformizados, olhos estalados e mãos na cabeça.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 77. Claudiomiro também esboça um sorriso. Tenta dizer algo, mas a tosse o impede.

ANTONIO CARLOS

Aí nós pagava o combinado dos ladrão e era cada um por si. Reunia com a família.

INT. APARTAMENTO DE CLAUDIOMIRO -- DIA

Claudiomiro, filho de meses no colo e puxando um carrinho de feira, entra aflito e vai à janela. Passa por Dina que joga queijo ralado sobre uma lasanha na mesa de jantar. Na sala há pouca mobília e muitos eletrodomésticos; alguns ainda em suas embalagens ou envoltos em plástico.

ANTONIO CARLOS

(off)

Num saia de casa e nem recebia visita, que era pra ninguém cresce o olho nas coisa que a gente comprava.

DINA

Fiz a lasanha que você gosta, com presunto gordo.

CLAUDIOMIRO

(entregando o filho à Dina)

Bota o menino no carrinho e pega a malinha dele. Nós vai do jeito que tá.

DINA

Do que cê tá falando?!

CLAUDIOMIRO

Temô que í embora. A casa caiu.

Dina vai à janela.

CLAUDIOMIRO (CONT'D)

Aquele de paletó xadrez, na banca.

DINA

(olhando a rua)

Miro, não tô vendo ninguém.

Claudiomiro coloca maços de cédulas na malinha do bebê.

CLAUDIOMIRO

É polícia. Farejo de longe. Vamo.

DINA

E a TV?

CLAUDIOMIRO

(duro)

Cabe na malinha do garoto?!

EXT/INT. RUA/TAXI -- DIA

Claudiomiro e Dina (ele de bermudas e chinelo, ela de vestido de verão), saem do prédio empurrando o carrinho do bebê com o filho. O ladrão vê o homem de paletó xadrez e, disfarçando, beija a mulher, fazendo a família seguir pela calçada. Ao dobrarem uma esquina, param um taxi.

Corta para interior do taxi que parte.

DINA

(olhando pela janela)

Não deu nem vinte dia de casa nova ...

CLAUDIOMIRO

Desculpa, meu amor.

DINA

Miro, desculpá o que? A gente tá junto pro que dé e vié.

EXT. PRAÇA -- DIA

Claudiomiro e Antonio Carlos, sentados num banco, observam o filho do primeiro que brinca num tanque de areia.

ANTONIO CARLOS

E em casa, tudo bem?

CLAUDIOMIRO

Tudo certo. Mas e aí, Antonio, desembucha.

ANTONIO CARLOS

Miro, tua mulher tá te passando pra trás. E é com um polícia.

CLAUDIOMIRO

Quem disse?

ANTONIO CARLOS

Eu mesmo que vi... O sujeito dando um amasso na Dina dentro da viatura. Na rua da padaria velha...

Pausa.

CLAUDIOMIRO

A Dina não compra pão lá.

ANTONIO CARLOS

Claudiomiro, eu vi... ela não tava atrás de pão.

Claudiomiro ergue-se e afasta-se. Antonio Carlos apenas se levanta. Claudiomiro chega ao tanque de areia e pega o filho pela mão. O garoto ainda se volta para trás e acena para Antonio Carlos. Claudiomiro não.

INT. NOVO APARTAMENTO DE CLAUDIOMIRO -- DIA

No quarto de casal, Claudiomiro, diante do guarda-roupa, recolhe as roupas da mulher e soca-as numa mala que carrega para a sala. Abre a porta de entrada e coloca a mala do lado de fora do apartamento. Em seguida, tranca a porta e passa o "pega ladrão".

INT. NOVO APARTAMENTO DE CLAUDIOMIRO -- DIA

Claudiomiro, filho no colo e copo de uísque na mão, está sentado no sofá. A porta é aberta por Dina, mas o "pega ladrão" não permite sua entrada.

DINA

(pelo vão da porta)

Que é isso, Claudiomiro?! Abre a porta!

Claudiomiro não responde.

DINA (CONT'D)

Ficou maluco?!

Claudiomiro ajeita o bebê no sofá e volta a beber.

DINA (CONT'D)

Ô Claudiomiro, o que tá acontecendo?! Cê tem outra? Se você tá apaixonado por outra eu vou embora mesmo, que eu não sô de dividi meu homem.

(pausa)

Claudiomiro, abre... Tá todo mundo ouvindo.

Claudiomiro, trêmulo, levanta e abre a porta. Dina entra carregando a mala. Serena, tira o copo de bebida das mãos do homem e o despeja na pia.

DINA (CONT'D)

(calma)

Miro, que é que tá acontecendo com você?

CLAUDIOMIRO

Te dei conforto, carinho e amizade e você paga desse jeito. Sem vergonha...

DINA

Do que cê tá falando?!

CLAUDIOMIRO

Tô sabendo do polícia que tu encontra, enquanto o trôxa aqui arrisca a pele pra recheá o teu guarda-roupa. Pega tua mala e some! Nem teu filho, tu vai tê direito de vê!

Pausa.

DINA

Quem foi que disse?

CLAUDIOMIRO

Não interessa.

DINA

É lógico que sim. Uma pessoa inventa uma história que destrói o nosso lar e eu não tenho direito de sabê quem é ela?

CLAUDIOMIRO

Tu tem sorte d'eu sê bom... vai embora.

DINA

Quem foi que te disse?

CLAUDIOMIRO

Dina, te manda antes que eu faça uma merda.

DINA

Me respeita! Sô tua mulher.

INT. CASA DE ANTONIO CARLOS -- DIA

Dina e Claudiomiro, com o filho no colo, estão sentados no sofá. Diante deles, também sentados, Antonio Carlos e sua esposa Célia.

DINA

Ô Célia, o Antonio Carlos é viado?

CÉLIA

Que pergunta, Dina!

DINA

Desculpa, mas ele inventô pro Miro que eu tô saindo com um polícia.

ANTONIO CARLOS

Inventô o caralho! Te vi enganchada no cara; vi você mordê a orelha dele, pôrra!

DINA

Tá vendo? Qué destruí meu casamento. Acho que teu marido qué que eu suma para ele ficá com o Miro.

CÉLIA

Cê tá louca?!

DINA

Então, minha filha, é d'eu que ele tá a fim mesmo...  
(postando-se diante de Antonio Carlos)  
Você falô tudo mas esqueceu a melhor parte: que pediu pra eu abandoná o Claudiomiro e fugí contigo, e que eu não aceitei porque amo meu marido e sou amiga da tua mulher!

ANTONIO CARLOS

Mentirosa! Mente diabólica. Se não fosse o respeito pelo Miro, arrebentava a tua cara agora! Claudiomiro, você não acreditou nessa pilantra, acreditou?! Quantas fita a gente armou junto?!

ANTONIO CARLOS

Sendo que a gente já tá acertado de que se eu caí tu segura a minha e se tu caí eu seguro a tua?! Incluindo ela e teu filho!

DINA

Olha Célia, te aconselho a segurá teu homem em casa. Não quero mais sabê desse sujeito me seguindo pela rua.

CÉLIA

Sem vergonha! Nunca me enganô; sempre sube que você tinha uma coisa por ela. Nem mulher de amigo você respeita mais, cachorro!

Dina pega sua bolsa e vai saindo. Claudiomiro, com o garoto no colo, a segue.

ANTONIO CARLOS

Miro! Ô Miro, tô falando a verdade!

CLAUDIOMIRO

Antonio, daqui por diante, cada um segue seu destino.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 82.

ANTONIO CARLOS

Perdi o amigo e o sócio. No primeiro assalto sem ele, apareceu tanto polícia que, ó, até parecia desfile militar.

MÉDICO

E ele?

ANTONIO CARLOS

Só sube quando caiu aqui. Achava que eu tava no inferno, mas ele, doutor, vou lhe contá...

INT. NOVO APARTAMENTO DE CLAUDIOMIRO -- NOITE

O filho de Claudiomiro dorme no berço. Ao lado, sentado na cama de casal, Claudiomiro observa o bebê. Atrás dele, Dina dorme. A mulher acorda, fica de joelhos e envolve Claudiomiro num abraço terno. Ele segura sua mão. Os dois olham o filho que dorme e sorriem um para o outro.

DINA

Ô Miro, cê não acha que tá na hora de pará?

DINA

Pegá o que você guardô e começá uma vida decente numa cidade nova. Dá uma chance do menino crescê dum jeito melhor.

EXT. RUA -- DIA

Um carro (diferente do utilizado no assalto ao carro-forte) estaciona diante de uma agência bancária.

INT. CARRO -- DIA

Claudiomiro está ao volante. Ao seu lado, Dina. No banco traseiro, o filho de ambos ocupa uma cadeirinha. Vemos bagagens nos assentos. Claudiomiro desce do carro. Acompanhamos seu trajeto para o interior da agência.

INT. COFRE -- DIA

Claudiomiro e um funcionário do banco estão dentro do cofre. Ambos usam suas chaves ao mesmo tempo e a gaveta de Claudiomiro se abre. Ele tira um maço de dinheiro, quando o lugar é invadido por dois homens, ambos com armas e distintivos de policiais em punho.

POLICIAL DO BANCO 1

Polícia! Parado aí! Acabou a festa, Claudiomiro!

Claudiomiro, dinheiro na mão volta-se para os homens.

CLAUDIOMIRO

Tem acerto? Pra mim, sai mais barato acertá com vocês do que entregá na mão do advogado.

POLICIAL DO BANCO 1

Cê não tá entendendo. A gente quer levar tudo. Passa a grana! Logo!

(para o Funcionário do banco)

E você, esquece o que tá vendo!

Claudiomiro, sem deixar de observar os policiais, pega dois grandes maços de cédulas do cofre e os passa para o Policial 2. O homem, sem alternativa, guarda a arma para segurar o dinheiro.

POLICIAL DO BANCO 2

(para Claudiomiro)

Onde já se viu? Um malandro como você, confiar na sua mulher!

Claudiomiro "estremece", mas volta-se novamente para o cofre.

POLICIAL DO BANCO 1

Tem gente que tem vocação pra corno!

De costas para os policiais, ao fazer menção de apanhar um novo maço de notas, Claudiomiro alcança uma pistola escondida em sua gaveta. Vira-se atirando na cabeça do Policial 1, que cai morto.

Em seguida, atira contra o Policial 2 que também cai. Claudimiro pega o dinheiro. O funcionário do banco cai de cócoras, protegendo a cabeça com mãos e braços. Claudimiro recolhe o restante do dinheiro e sai apressado, trancando o cofre.

EXT. RUA -- DIA

Claudimiro sai do banco, aproxima-se do carro e surpreende Dina ao abaixar-se junto da janela do passageiro. Ele a olha fixamente.

DINA

Você tá bem?

CLAUDIOMIRO

Não.

Claudimiro saca a pistola e coloca-a na cara de Dina. Ouvimos o estampido do disparo com a câmera no rosto de Claudimiro.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Continuação da Cena 88. Claudimiro tosse violentamente. O doente fita o Médico. Esforça-se para movimentar os lábios, mas não produz som. O Médico abaixa-se, aproximando o ouvido da boca de Claudimiro.

CLAUDIOMIRO

(ofegando)

Doutor... criança de colo... lembra tudo o que a gente faz?

MÉDICO

Lembra não.

Claudimiro sorri e fecha os olhos. Antonio Carlos, usa um pano para limpar a boca de Claudimiro.

ANTONIO CARLOS

Doutor, deixa ele í...

INT. ESCADA -- DIA

Pelos degraus da escada desce água com espuma de sabão, formando uma cascata. Detentos esfregam vigorosamente o chão enquanto outros puxam a água com rodos.

INT. / EXT. BAIAS DE REVISTA -- DAY

Cam acompanha um prato a mão de um funcionário que mantém erguido como um "garçom" enquanto caminha desde o fundo de uma das baias de revista até a calçada. Ele percorre a fila, procurando por alguém. Neste trajeto, vemos a paisagem humana do dia de visitas: mulheres, jovens e idosas, com

crianças de colo; famílias inteiras (pais, mães e irmãos) sentadas em cadeiras de praia e caixotes enquanto aguardam; as pessoas

carregam ou têm aos seus pés sacolas com roupas, marmitas, frutas e refrigerantes. Em torno, o comércio informal característico do dia de visita: pacotes de cigarro, brinquedos, quitutes e bebidas.

O Funcionário aproxima-se de Dona Graça, esposa de Nego Preto (aqui 9 mais velha do que quando vista anteriormente). Ao lado, seu filho Valdir, agora um rapaz usando calças largas, tênis novos e sofisticados, camiseta colorida. Também ali, a família de Deusdete: sua mãe, sua irmã Francineide e Catarina, amiga desta última.

FUNCIONÁRIO COM O PRATO

Dona Graça, Nego Preto mandou pra senhora.

DONA GRAÇA

Obrigada. Olha só o meu homem! Tão servidas?

Dona Graça descobre o prato exibindo uma porção de rabanadas.

CATARINA

Tá vendo, Franci, é um homem assim que eu quero. Diz aí: cê acha que o Deusdete vai gostá de mim?

FRANCINEIDE

Ah, isso é com vocês.

MÃE DE DEUSDETE

Fica mais fácil pra ele se tiver um amor esperando aqui fora.

DONA GRAÇA

A senhora tá certa. Mas só com muito amor no coração uma mulher suporta essa vida.

CATARINA

(para Francineide)

O que ele disse quando tu contô que eu vinha?

FRANCINEIDE

Que se você quisesse vim, que visse.

EXT. PÁTIO INTERNO/PALCO IMPROVISADO -- DIA

Rita Cadillac, deslumbrante, shorts e bustiê sumários, dançando e rebolando. Toda a audiência, perto de quatrocentas pessoas, em sua grande maioria homens, grita, uiva e assovia. Entre eles, na primeira fila, os detentos Baiano, Fuinha e Coelho. Lula percorre essa fileira com uma caixa de onde retira preservativos e entrega-os ao público, inclusive ao Detento de Cadeira de Rodas que aplaude entusiasmado.

DETENTO LOCUTOR

... nossa musa indomável da arte dançarina! A mulher que mora no coração da malandragem a madrinha da Casa de Detenção! Nossa querida Rita Caaaddiilllaaaacc!!! Tem um recado apra dar para

todos nós...

PLATÉIA

Madrinha! Madrinha! Viva Rita Cadillac!

FUINHA

(acenando com uma embalagem de preservativo)

A benção madrinha, a benção!

O som diminui de intensidade. Rita Cadillac fica apenas marcando o compasso com os pés.

PP do Detento Locutor ao microfone.

Sambando, Rita Cadillac aproxima-se da platéia, tira uma embalagem de camisinha do decote e a abre. O público vibra. Ela pega uma garrafa sobre a caixa acústica e, sensualmente, "veste-a" com a camisinha, coloca-a no chão e, rebolando, vai abaixando-se como se fosse deixar-se penetrar pelo vasilhame. Lula, assediado pelo público, sobe no palco e esvazia a caixa sobre a platéia promovendo uma chuva de preservativos.

RITA CADILLAC

Tô sabendo que meus meninos gostam de namorar. Mas a madrinha aqui tá muito assustada com essa doença aí. Espero que todo mundo esteja se cuidando. Mas praqueles que não se lembram, vou mostrar como é que faz.

BAIANO

Mostra! Mostra tudo! Mata nós!

PLATÉIA

Madrinha! Madrinha! Senta, pelamor de Deus! Mata nós!  
Mata nós!

EXT. PÁTIO EXTERNO 1 -- DAY

Pelo menos 150 detentos aguardam ansiosamente a entrada de suas visitas. Arrumados, cabelos molhados e penteados eles formam uma meia lua diante do portão de ferro incrustado na muralha. Entre eles, Nego Preto, Deusdete, Coelho e Dadá. As visitas que surgem sós em pequenos grupos avançam pelo portão. Os detentos destacam-se da meia lua indo ao seu encontro e desaparecendo pela radial. Ficamos conhecendo a mãe de Dadá, que ao vê-lo, dá-lhe um longo e carinhoso abraço. Em seguida é a vez de D. Graça e seu filho. A mulher entra mastigando a sua rabanada. Nego Preto colhe grãos de açúcar em sus lábios e a beija. Coelho, impaciente, tenta enxergar sobre a cabeça dos outros detentos. Por fim, entram a mãe de Deusdete, Francineide e Catarina. As mulheres trazem sacolas nas mãos. Deusdete cumprimenta a mãe e a irmã.

FRANCINEIDE

Deusdete, essa aqui é a Catarina que eu te falei.

DEUSDETE

Esse sô eu.

CATARINA

A Franci fala muito de você.

DEUSDETE

Fala bem?

CATARINA

Chii, ficô até com ciúme quando eu disse que queria te conhecê.

Coelho observa com inveja a família de Deusdete.

INT. PÁTIO INTERNO-- DAY

O rosto contraído de Peixeira entra em quadro vindo de baixo. Ele faz exercício numa barra. Pára e anda pelo "ginásio" num canto ensolarado do pátio. Ali outros detentos

exercitam-se, levantando halteres improvisados. Outros homens, detentos e visitantes, conversam; Peixeira acende um cigarro e senta-se observando Pimenta que usa tinta de caneta e agulha para executar uma tatuagem. Ele desenha um coração no braço de uma garota que faz caretas de dor.

Peixeira veste a camisa e caminha para a saída do Pátio. ele repara numa cesta cheia de bananas que sobe sustentada por uma corda, puxada por um detento do último andar. De passagem, Peixeira, rouba uma das bananas e segue adiante.

EXT. GALERIA - ESTÚDIO -- DAY

O Pai de Lady está sentado num banco. Ao seu lado, sua esposa, a Mãe de Lady. Diante do casal, Sem Chance e Lady Di.

SEM CHANCE

Seu Antonio, tamo apaixonado. Eu e a Lady queriamo a benção de vocês.

PAI DE LADY

Dirceu... é Dirceu o nome dela.

MÃE DE LADY

Meu filho, você acredita nele?

LADY DI

Mãe, eu nunca conheci uma pessoa como o Matias.

PAI DE LADY

Eu não entendo essa coisa desse moleque...

MÃE DE LADY

A gente já tá muito velho pra sabê o que é certo, Antonio. Se é mesmo o querê do Dirceu, que mal tem?

PAI DE LADY

Aqui dentro vocês faiz a sem vergonhice que quisé.

INT. PÁTIO INTERNO -- DAY

Peixeira caminha entre bancas de comércio onde são vendidos desde alimentos e cigarros até bichos de pelúcia, sapatos e livros usados. Ele pega um pacote de Marlboro e carrega consigo pelo lugar que está apinhado de Detentos e visitantes. Um detento engraxa sapatos de clientes, tendo em torno vários pares esmeradamente polidos.

OMITTED

OMITTED

OMITTED

OMITTED

EXT. PÁTIO INTERNO -- DIA

Sobre uma toalha no chão, vemos travessas de comida e garrafas de refrigerantes em torno, Deusdete e família. O detento tem sua atenção posta em Catarina com quem troca sorrisos.

Duas mãos masculinas surgem por trás de Francineide e tampam seus olhos.

FRANCINEIDE

Zico?

ZICO

Oi Franci.

FRANCINEIDE

Nossa, como cê tá magro! Tá comendo muita porcaria?

DEUSDETE

Tá sim, Franci. Mas se fosse só isso...

Zico guarda o sorriso e encara o companheiro de infância. Ele nem repara na mãe de Deusdete que lhe estende um prato de comida.

MÃE DE DEUSDETE

Toma aqui, filho. Eu trouxe pra vocês.

Zico pega a sacola e volta a olhar para Deusdete.

INT. CELA 4 (MAJESTADE) -- DIA

Crianças disputam uma partida de futebol de botão. Majestade e Dalva, abraçados, usam apenas roupas íntimas e cobertos por um

lençol, estão deitados na cama do detento e observam seus três filhos em torno do pequeno campo.

MAJESTADE

("narrando o jogo" dos meninos)

Rivaldo conduz a pelota, ergue a cabeça, sente a presença na área de Ronaldinho... Lança... É perfeito! Ronaldinho dribla um, dribla dois... vai marcá... pára, pensa, chuta, é goooolll!

BOCA DE FERRO

(off, distorcido)

Reeducando Josué dos Santos, Pavilhão 9... Comparecer ao portão de entrada.

Majestade tenta disfarçar o sobressalto. Dalva fica séria. Ele ergue-se, vestindo a calça bege e uma camiseta.

MAJESTADE

Minha linda, dá licença. Eu volto é já.

EXT - PÁTIO INTERNO -- DIA

Num canto do pátio, um grupo de vinte detentos evangélicos e seus familiares estão reunidos. Todos portam bíblias. Os homens usam camisas de mangas compridas, abotoadas até o pescoço. As mulheres usam saias e cabelos compridos. Alguns detentos têm nas mãos instrumentos musicais. No centro do grupo, o Detento Pastor faz sua pregação. Peixeira, pacote de Marlboro na mão, aproxima-se, ouve por um instante e afasta-se.

DETENTO PASTOR

Agora seus filhos são filhos de bandido. Suas esposas são esposas de malandro. Mas quem fica com Jesus nunca está preso! Não importa se é do crime, quantos matou, Jesus Cristo faz questão de perdoar você!

EXT. PÁTIO EXTERNO 1 -- DIA

Três homens ainda aguardam suas visitas junto do portão da muralha. Dois deles, desistem e saem andando cabisbaixos. O terceiro deles, o detento Coelho, ainda insiste, aproximando-se do portão. Majestade, sujo de graxa, se interpõe e alcança antes o portão. O funcionário Porteiro bre o e vemos entrar Rosirene, especialmente sensual no seu vestido curto e na boca carnuda tingida de vermelho.

Majestade encara Coelho que se afasta contrariado. A mulata, majestosa, traz ainda o filho pela mão. O garoto (3 anos) segura uma bola de capotão. O detento beija a cabeça do filho e pega-lhe a bola. Em seguida, mãos para trás para não sujar Rosirene, o homem aproxima-se para beijar-lhe o rosto.

ROSIRENE

Me beija na boca!

A mulata segura a cabeça do homem e crava-lhe um beijo na boca.

MAJESTADE

Pô, meu amor, hoje não vai dá! É que a caldera estorô e o homem qué o conserto pronto até o fim do dia.

ROSIRENE

Ô Josué, nem na rua tu nunca trabalhô. Vai me convencê que na

ROSIRENE

cadeia resolveu regenerá? Tu tá é co'aquela branquela vagabunda!

MAJESTADE

Qué isso, meu amor!? Juro que não!

ROSIRENE

Então vamo vê!

Rosirene, puxando o filho pela mão, avança presídio adentro.

EXT. PÁTIO INTERNO -- DIA

Rosirene anda rápida, trazendo seu filho pela mão. Majestade, bola na mão, segue-os. No seu caminho, ele vê Zico sentado só, junto da muralha. Majestade joga a bola trazida por seu filho para Zico e continua no encalço de Rosirene. Zico enfia o dedo entre os gomos da bola. Em detalhe, vemos que a mesma encontra-se recheada com pacotes de pedras de crack. Francineide aproxima-se de Zico.

FRANCINEIDE

Posso sentá contigo?

ZICO

Pode.

Francineide senta-se.

FRANCINEIDE

E aí, num tem nada pra me contá?

ZICO

Você que nunca contô o que aconteceu naquele dia.

FRANCINEIDE

Zico, aquilo já passô.

ZICO

Tu nunca disse pra mim o que eles te fizerô!

Pausa.

FRANCINEIDE

Quando saí, promete pra mim que vai dexá o cabelo crescê?

ZICO

Tu acredita em promessa?

Francineide começa a cantar baixinho. Olha para Zico que baixa a cabeça. Ela volta-se para frente e continua cantando.

EXT. PÁTIO INTERNO -- DIA

Sobre a muralha, dois PMs jogam bola. Seus capacetes e coldres são usados como traves dos gols. Vemos a paisagem do alto: os pavilhões, as muralhas que serpenteiam o presídio e trechos da cidade. Lá embaixo, detentos e visitantes caminham sós ou em grupos. Entre eles, Dadá que, indiferente, recebe uma Bíblia de sua mãe que insiste para que ele pegue o livro. Peixeira, com seu pacote de cigarros, segue caminhando rente à muralha, distanciando-se das pessoas, atravessando um pequeno portão e alcançando um corredor mais estreito e vazio.

EXT. PÁTIO INTERNO -- DIA

Dalva, trazendo suas três crianças, termina de descer as escadas e chega ao pátio. Vinda do lado oposto Rosirene se aproxima. Majestade e o filho vêm atrás. As duas mulheres ficam frente a frente medindo forças. Os filhos de Dalva mantêm-se agarrados a saia da mãe.

ROSIRENE

Falei que cê tava co'a vagabunda.

DALVA

A vagabunda agora sô eu?!

Dalva dá um passo na direção de Rosirene. Majestade coloca-se entre as duas e faz sentar a todos, mulheres e crianças, num banco próximo. Uma família de cada lado e ele no meio.

MAJESTADE

(para Rosirene)

Bom... já que você veio agora num tem mais volta pra trás. Hoje, nós três vamô tê que entrá num entendimento.

Majestade sorri para Dalva. Volta-se para Rosirene.

MAJESTADE (CONT'D)

Rosirene, a Dalva não é vagabunda não, viu? Trabalha na fábrica de roupa, cria nossos filho com o maior carinho. São filho meu, pô.

(para Dalva)

E você também, já disse que a Rosirene não vale nada. Também num'é verdade. Se não fosse a cara dela descolá uns baratos e trazê aqui pra eu fazê um dinheiro, ia faltá comida no prato de todos nós.

DALVA

Se você gosta d'eu e dela é problema teu.

MAJESTADE

Iiii...

ROSIRENE

É. Cê vai é decidi agora com qual das duas qué ficá!

DALVA

Isso mesmo!

MAJESTADE

Pô! Assim, cês vão parti meu coração no meio.

INT. PÁTIO INTERNO / BARBEARIA -- DAY

O médico aguarda Seu Pires, que tem o rosto escanhado pelo detento Barba. Os três homens observam Majestade e suas duas mulheres.

SEU PIRES

Duas mulheres, doutor! O que o malandro tem que a gente não tem?

MÉDICO

O senhor beijou a sua mulher hoje?

SEU PIRES

(surpreso)

Eu?! Eu não.

MÉDICO

(dando de ombros, sorrindo)

Aí é que tá...

INT. GAIOLA DO AMARELO -- DIA

Dois funcionários jogam dominó. Peixeira chega e passa as mãos pelas grades, batendo palmas.

PEIXEIRA

Ó de casa!

FUNCIÓNÁRIO DO AMARELO

Qualé Peixeira?

PEIXEIRA

Vim dá um recado prum amigo.

FUNCIÓNÁRIO DO AMARELO

Tô sabendo.

INT. GALERIA DO AMARELO/CELA 2 (AMARELO) -- DIA

Os funcionários vistos na cena anterior acompanham Peixeira que anda lentamente pela galeria. Um deles ilumina o trajeto com uma

lanterna. Peixeira olha através dos guichês das celas, procurando reconhecer alguém entre os detentos que se aproximam das portas para, em seguida, desaparecerem com medo. Inesperadamente, Peixeira pára.

PEIXEIRA

Vô ficá aqui.

O Funcionário abre a porta. Os detentos dentro da cela recuam assustados. Um dos funcionários revista Peixeira. Em seguida, o detento entrega o pacote de cigarro ao funcionário, entra e a porta é trancada.

INT. CELA 2 (AMARELO) -- DIA

Peixeira observa os moradores da cela. Ninguém troca palavra. Sobre um caixote um ventilador ligado, se movimenta lentamente para a esquerda e para direita. Peixeira senta-se ao lado de Gilson. O detento, deitado numa cama, ainda tem um aspecto abatido.

PEIXEIRA

Que cara é essa, garoto?

GILSON

Inventei que tava com AIDS pra não zuarem comigo. Mas não adiantou nada. O filho da puta que me fez tá com a maldita.

PEIXEIRA

Esquece. Ele mandô te dizê que mentiu: ele também não tem AIDS.

Gilson sorri.

EXT. CAMPO DE FUTEBOL -- DIA

Numa roda de detentos e visitantes, Valdir, Fuinha e três "pit box" cantam um Rap. Nego Preto e Dona Graça, acompanham a performance do filho. Antes que a música termine, Ezequiel e sua irmã se aproximam de Nego Preto.

DONA GRAÇA

Nosso filho vai ser artista.

NEGO PRETO

Tomara.

EZEQUIEL

Desculpa Nego Preto...

NEGO PRETO

Fala.

EZEQUIEL

É que o Ezequiel qué pagá.

NEGO PRETO

A mim tu não deve nada.

EZEQUIEL

(indicando a irmã)

Ezequiel já falô com ela e ela falô que sim...

NEGO PRETO

Não entendi.

EZEQUIEL

(puxando a irmã para perto)

Ezequiel paga co'ela aqui. A irmã do Ezequiel se deita com o pessoal e levanta uma grana pra pagá a dívida co'Zico.

IRMÃ DO EZEQUIEL

Se for pra ajudar meu irmão...

EZEQUIEL

Da posse do Ezequiel num tem mais nada.

NEGO PRETO

(para Ezequiel)

Tu faz o que tu achá melhor.

Nego Preto passa o braço nos ombros de Dona Graça, dá as costas para Ezequiel e volta a acompanhar o filho de ambos que canta.

INT. CELA 5 (CELA DE ANTONIO CARLOS, PEIXEIRA E EZEQUIEL) -- DIA

Antonio Carlos e Célia estão sentados um diante do outro. Sobre uma mesinha próxima vemos um bolo. A mulher tem um garoto no colo: o filho de Claudiomiro (4 anos).

CÉLIA

Desculpa.

Antonio Carlos lança um olhar para o filho de Claudiomiro.

CÉLIA (CONT'D)

Eu fiquei sabendo do Miro e...

ANTONIO CARLOS

Pois é. Não queria mais ficá vivo. Foi melhor pra ele.

CÉLIA

Eu sonhei com você. Tava preocupada.

Pausa.

CÉLIA (CONT'D)

Eu vim... eu pensei...

ANTONIO CARLOS

Eu sei o que você pensô de mim. Você teve muita pressa de pensá.

Célia abaixa a cabeça. Volta a olhar nos olhos de Antonio Carlos.

CÉLIA

Fiquei cega. Acreditei nela. Será que você ainda consegue confiá em mim?

ANTONIO CARLOS

Nunca deixei de confiá.

Célia alisa os cabelos do garoto em seu colo. Antonio Carlos estende os braços "chamando" o menino. A criança projeta-se na direção do homem que a pega. Célia finca no bolo uma velinha com o número 4 e a acende. Ela e Antonio Carlos cantam "Parabéns à você" diante do garoto sorridente.

EXT. PÁTIO EXTERNO 1 -- ENTARDECER

Em meio aos detentos que despedem-se de seus familiares, vemos Dadá e sua mãe que caminham em direção ao médico e Seu Pires.

MÃE DE DADÁ

(para o médico)

Dá licença, doutor?

(indicando Dadá)

Esse é meu filho... Sei que ele fez coisa errada, mas eu quando penso nele, não acredito que tirou a vida de outra pessoa. Queria pedir para o Senhor: cuidar do Davílson para mim, que aqui eu não tenho cono zelar por ele.

MÉDICO

(para Dadá)

Não deixe de passar na enfermaria...

A mãe de Dadá beija a mão do médico incomodando-o. Dadá e a mãe afastam-se.

EXT. CAMPO DE FUTEBOL / PÁTIO EXTERNO 2 - ENTARDECER

Deusdete e Catarina caminham de mãos dadas.

CATARINA

Posso voltá outra veiz?

DEUSDETE

Se você acha que vale a pena. Só que vai demorá tanto pr'eu saí...

Catarina afasta-se. Alegre, ainda volta-se para trás.

CATARINA

Eu não tenho pressa.

Brincalhona, Catarina mostra a língua para Deusdete. Ele olha para os lados e ri encabulado.

INT GALERIA -- ENTARDECER

Na galeria, quase às escuras, poucos presos apressam o passo e entram nas celas. Atrás deles, um carcereiro tranca as celas e desaparece "dobrando" um esquina. No lugar deserto, ouvimos apenas o som de pratos, algum falatório e programas de TV.

INT. CELA 2 (AMARELO) -- AMANHECER

O cadáver de Gilson balança pendurado no fio do ventilador, agora inerte. À porta, Seu Pires, observa. Em torno, na cela, os nove moradores permanecem em silêncio acocorados em suas camas e no chão.

DETENTO 1 DO AMARELO

Seu Pires, quando a gente acordô, ele já tava pendurado.

DETENTO 2 DO AMARELO

Esse num estrupa mais ninguém.

INT. CELA 8 (CELA DE LADY E SEM CHANCE) -- DIA

A cidade e seus morros distantes são vistos através das grades. Ali, Sem Chance fuma um cigarro observando a fumaça levada pela brisa. As suas costas, Lady Di, está sentada na cama com um envelope nas mãos. Sem Chance volta-se para ela.

SEM CHANCE

O doutor disse que tem que dá positivo.

LADY DI

Não! Positivo é justamente a maldita no sangue! Tem que dá negativo. HIV-Negativo.

(abrindo o envelope)

Vou abrir primeiro que o meu caso é mais pior mesmo.

Lady Di respira fundo antes de percorrer o papel com os olhos. Seu rosto se ilumina com um sorriso.

LADY DI (CONT'D)

(erguendo-se)

Tô limpa! Tô limpa!

Diante de Lady, Sem Chance abaixa o papel que terminara de ler.

SEM CHANCE

Cê vê, você trabalhando na noite, dois mil home aqui dentro... limpinha. E eu, todo certinho, ó... sem chance.

Lady surpreende-se.

SEM CHANCE (CONT'D)

Mentira Lady, tô limpo também.

LADY DI

Então que cara é essa?

SEM CHANCE

Os homê me deram a liberdade.

LADY DI

E tu não fica feliz?

Sem Chance permanece calado, olhando a paisagem. Lady aproxima-se da janela gradeada e abraça Sem Chance.

SEM CHANCE

Não quero te deixá sózinha aqui dentro.

LADY DI

Mas eu não tou sózinha. Eu tenho você.

Lady encosta o rosto do ombro de Sem Chance e fica ali, também observando a cidade através da janela gradeada.

INT. COZINHA -- DIA

Zico, Nego Preto, Majestade e Ezequiel estão reunidos num canto da cozinha. Perto deles, cozinheiros lavam louças e panelas.

MAJESTADE

(para Zico)

Aí, quem num tem palavra, num pode trabalhá pra mim.

NEGO PRETO

Pede pra matá o cara e depois muda as idéia!?

ZICO

Ô Nego! Mais dois ano e eu tô livre... achei melhor deixá quieto e acertá ele na rua.

NEGO PRETO

Ezequiel, tu devia e não pago. Ficô vivo, mas num vai ficá aqui em casa. Pega teus traste e vai morá no Amarelo...

Ezequiel afasta-se.

NEGO PRETO (CONT'D)

Agora tu, Zico, tu não é do crime. Tu é um palhaço.

Nego Preto permanece sério. Majestade e os cozinheiros em torno, riem, humilhando Zico.

INT. CELA 7 -- DIA

No ambiente escuro, uns poucos filetes de luz atravessam o espaço. A porta da cela é aberta e o ambiente enche-se de luz. Vemos Seu

Chico que traz as marcas do castigo: rosto macilento, barba por fazer, olhos injetados e "feridos" pela luz repentina. À porta, estão Seu Pires, o Médico e dois funcionários, canos na mão, de prontidão. O Médico adianta-se, estendendo o braço.

SEU CHICO

Precisa não, doutor. Tantos ano preso, a mente aprende a dominá o corpo.

O velho ergue-se, sorri e desmaia.

INT. CELA 9 (CELA DE SEU CHICO) -- DIA

O Médico observa os vários balões pendurados no teto da cela de Seu Chico. O velho detento trabalha na confecção de mais um, colando folhas de papel colorido.

MÉDICO

Seu Chico, e o senhor tá aqui por que?

SEU CHICO

Doutor, vai querer ouvir outra mentira? Aqui dentro ninguém é culpado. O senhor não percebeu ainda?

MÉDICO

E ainda vai ficar muito por aqui?

SEU CHICO

Já passei da idade de ganhá a liberdade, mas tô na mão do juiz. Não vejo a hora, doutor... A única coisa boa na cadeia é sair dela!

MÉDICO

E deixar os amigos?

SEU CHICO

Amigos? Amigo preso não quero!

SEU CHICO

Eu acabo essa conversa com o senhor, fecho a porta e fim. Na cadeia tem que andá é sozinho, no máximo com Deus.

Seu Chico silencia. Absorto, ele balança um dos balões suspensos em sua cela.

MÉDICO

E a filha, não deu notícia?

(pausa)

Foi pra onde, Seu Chico?

SEU CHICO

Tava imaginando esse bichinho subindo, subindo... ganhando o céu.

INT. CELA 6 (ZICO E DEUSDETE) -- DIA

Deusdete vê televisão, enquanto Zico pipa seu cachimbo de crack estirado na cama, com uma faca na mão. Repentinamente, ele inclina-se para olhar debaixo da cama, cutucando o chão com a faca, uma, duas vezes.

ZICO

Tá sinistro, tá sinistro isso aqui... Sei que tem alguém aqui... Sai daí! Aparece filho da puta! Sai, sai!

Zico vai até o vaso sanitário, olha dentro dele. Verifica a porta, que está trancada. Torna a deitar-se e cutucar

Embaixo da cama.

ZICO

Tem alguém aqui! Tem alguém aqui! Deusdete, olha aqui embaixo, porra! Qué me fura o olho!

Deusdete levanta-se. Zico, em pânico, ergue a faca "para defender-se".

DEUSDETE

Tem ninguém aí. Vê se pára de fumá!  
(arrancando o cachimbo de Zico)  
Não quero mais essa merda aqui na nossa casa!

Deusdete joga o cachimbo no vaso sanitário. Zico encara-o com ódio.

EXT. CAMPO DE FUTEBOL -- DIA

No coreto adornado com mesa, cadeiras, tapete vermelho, salgadinhos e refrigerantes, parte da família de Seu Chico aguarda o detento. Estão ali a filha (14 anos) e outros

três rapazes mais velhos. Seu Chico chega. Todos se abraçam e choram.

Sobre a mesa, as garrafas de refrigerante e os pratos com salgadinhos estão praticamente vazios. Seu Chico e seus filhos continuam ali, abraçados e conversando. Vemos que a cena é observada por Seu Pires e por um funcionário.

FUNCIONÁRIO PORTEIRO

Então Seu Pires, posso recolher o velho?

SEU PIRES

Deixa ele.

INT CELA 6 (ZICO E DEUSDETE) -- NOITE

Detalhe de uma tela de uma TV preto e branco que exhibe um programa de "tele-compras". Diante do aparelho está Zico, olhos injetados e cheio de tiques. Ele fuma um cigarro sentado perto do fogão de cerâmica, onde ferve um panelão de água. Zico junta azeite e um

saco de sal ao painelão. Volta a assistir TV. Vemos que Deusdete dorme. Zico apaga o cigarro. Ergue-se, apanha o painelão e derrama a mistura sobre Deusdete.

INT. GALERIA -- NOITE

O grito de horror de Deusdete ecoa na galeria vazia e escura. Apenas uns poucos focos de luz azulada das telas de TV escapam pelos guichês das celas.

INT. COZINHA -- DIA

Pelo menos 30 detentos estão reunidos, sentados em bancos de madeira, pelo chão e sobre alguns dos fogões desligados. Entre os debatedores: Fuínha, Lula, Dadá, Baiano, Detento Locutor, Pimenta, Majestade e, conduzindo a reunião, Nego Preto. Peixeira assiste tudo calado.

FUINHA

Ó Nego, eu sei que quando eu fui visitá o Zico, o Deusdete não dexô que a gente fumasse lá.

BAIANO

Isso num é motivo pra mata na covardia!

LULA

Me deu o maior medo, ó! Í dormi e acordá queimado?! Tá louco!

DETENTO LOCUTOR

E matô sem assuntá com nós! Qualé?

DADÁ

Quem mandô se metê na vida do outro?

MAJESTADE

(para Dadá)

Eram amigo da infância. Se você tivesse um amigo aqui prá te aconselhá, você ia fazê isso com ele?

DADÁ

Problema deles, ó!

NEGO PRETO

Tá enganado. Agora é problema nosso.

INT. CELA 8 (LADY E SEM CHANCE)/GALERIA -- DIA

Convidados travestis se acumulam na galeria e dentro da cela. Plano de detalhe de uma velha vitrola onde uma mão com longas unhas pintadas coloca um disco de vinil. Começamos a ouvir a Marcha Nupcial.

Sem Chance, calça bege e fraque, aguarda diante de um altar improvisado. Lady surge exuberante em seu vestido branco. A noiva é conduzida pelo Médico. A medida que a dupla passa, alguns

travestis manifestam sua admiração com gritinhos e interjeições.

PATRÍCIA EVELYN

(para Veronique)

Ele já comeu isso aí. Prá que embrulhá desse jeito?

VERONIQUE

A Lady vai casá. Casá! Já tu, se duvidá, tem que pagá pra tê carinho.

O Médico "entrega" Lady Di para Sem Chance, que lhe dá o braço. Os dois voltam-se para o Travesti Sacerdote.

TRAVESTI SACERDOTE

Sem Chance, meu nego, tu aceita a Lady como legítima esposa?

SEM CHANCE

Sim.

TRAVESTI SACERDOTE

Lady, e tu? Aceita Sem Chance como teu marido?

LADY DI

Eu aceito.

TRAVESTI SACERDOTE

Então a bicha aqui declara vocês marido e mulher!

O casal se beija. Sem Chance ergue uma taça com champanhe.

SEM CHANCE

O meu brinde é ao nosso doutor, pois com a medicina que aprendi com esse homem, vô é montá um consultório e cuidá dos meus paciente... esperando por você, minha Lady, pra gente vivê nossa própria família.

Sem Chance e Lady cruzam as taças e bebem. A platéia aplaude e ovaciona.

TRAVESTI SACERDOTE

Doutor, será que ela casou grávida?

MÉDICO

Aí é sem chance...

INT. GALERIA -- DIA

Zico percorre a galeria. Alguns detentos, passam a segui-lo. Ao notar a movimentação, Zico pára assustado, ameaça correr, mas está cercado. Entre os detentos que o cercam vemos Majestade, Baiano, Peixeira, Lula, Fuinha e Locutor, além de outros dez. Os homens mais próximos de Zico dão um passo à frente jogam sobre ele um cobertor e passam a esfaqueá-lo. Ato contínuo, as armas são retiradas do corpo cambaleante e passadas para os outros detentos que continuam furando Zico. Os esfaqueadores vão dispersando-se

pela galeria enquanto Lula dá sua estocada no condenado. Ainda com a faca na mão, Lula volta-se para Peixeira. Encara-o e oferece o cabo da faca. Peixeira pega a faca, hesita abaixa-se e ergue o cobertor para ver o corpo ensanguentado de Zico. Ato contínuo baixa o cobertor e se afasta.

INT. CELA 1 (AMARELO) -- DIA

Na minúscula, suja e caótica Cela 1, espalham-se vários detentos. Alguns jogam cartas, outros dormem. A porta da Cela é destrancada, assustando a todos menos Ezequiel que continua deitado, barriga pra cima com o cachimbo de crack sobre o peito. A porta é aberta e, parado ao batente, está Majestade com a faca ensanguentada na mão. A cela silencia.

MAJESTADE

Ô Ezequiel, tu não acha que aquele sem vergonha do Zico é o culpado da tua desgraça?

EZEQUIEL

Acho, mas a vida do Ezequiel sempre foi cheia de desgraça.

MAJESTADE

E não foi o Zico que fez o Ezequiel oferecê a irmã pra pagá droga?

EZEQUIEL

Foi. Fazê o que?

MAJESTADE

(mostrando a faca)

Parece esquecido. Tu já fez. Ezequiel furô o Zico. Mais de trinta furo.

EZEQUIEL

Ô Majestade, num falta nem dois ano pro Ezequiel saí; vai amarrá outros vinte!?

MAJESTADE

Dois ano ou vinte, que diferença faz pro Ezequiel? Tá com AIDS. Pelo menos tu vai tê uma cela só pra ti, roupa lavada e, claro, pedra pra fumá.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Dois detentos empurram um carrinho que transporta o corpo de Deusdete. Param diante da porta de uma cela. Ali reunidos, o Médico, Seu Pires e um grupo de detentos curiosos. No chão, o corpo de Zico.

No fundo da galeria aparece Ezequiel com a faca ensanguentada na mão. Ele caminha até diante de Seu Pires.

EZEQUIEL

Fui eu que fiz.

(soltando a faca ensanguentada)  
Já não devo nada pra ninguém.

Dois detentos colocam o corpo de Zico no carrinho, ao lado de Deusdete. O braço inerte do primeiro cai sobre cintura do segundo.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Seu Chico, banho tomado, terno e gravata, sacola numa mão, encosta a porta de sua cela e sai andando pela galeria. Cela a cela, a medida que o velho passa, vão saindo detentos. Entre eles: Antonio Carlos, Majestade e Lula. Alguns balançam a cabeça num cumprimento solene e contido. Outros adiantam-se para apertar a mão de Seu Chico. No seu rosto, emoção contida.

EXT. PÁTIO EXTERNO 1 -- DAY

Nego Preto acompanha Seu Chico até as grades da Gaiola. Seu Chico atravessa o portão que é fechado em seguida. Os dois detentos trocam um aperto de mão através das grades.

NEGO PRETO

Velho, vai em paz.

SEU CHICO

Fica com ela. Aí dentro você precisa mais do que eu.

INT. GALERIA/CELA 5 (CELA DE PEIXEIRA, EZEQUIEL E ANTONIO CARLOS)  
-- DIA

Uma mão bate à porta de uma cela. Peixeira abre a porta. Diante dele, estão Zico e Deusdete. Zico não tem sangramentos, embora seu corpo esteja todo furado. Já Deusdete está deformado por queimaduras e chora de fininho, sem parar.

ZICO

Por quê que você num me furô?

PEIXEIRA

Num conseguí!  
(indicando Deusdete)  
E ele?

ZICO

Não me larga. Onde eu vô ele vai atrás.

PEIXEIRA

Escuta, Zico, e lá no céu? Tu num encontrô ninguém?

ZICO

(indicando Deusdete)  
Que você conhece, só ele...

PEIXEIRA

Mas... e Deus?

ZICO

Deus memo, não. Não vi ainda.

Zico abraça Peixeira. Ao afastarem-se, Peixeira nota que seu próprio peito sangra por vários furos. Ele tenta estancar as hemorragias, mas é impossível.

Peixeira acorda empapado de suor.

INT. CONSULTÓRIO DA ENFERMARIA -- DIA

Peixeira, ansioso, surge à porta da enfermaria.

MÉDICO

O que foi?

PEIXEIRA

(entrando)

Doutor, como é que a gente sabe se ficô demente? O Zico; voltou pra me cobrá porque que eu não matei ele.

MÉDICO

Ô Peixeira, tá vendo fantasma?

PEIXEIRA

Um homem como eu, não conseguí matá?! Primera vez que me acontece!

MÉDICO

Mas isso não é bom?!

PEIXEIRA

Doutor, eu só sei matá! Foi assim que eu cresci.

MÉDICO

A gente muda, Peixeira.

PEIXEIRA

Eu preciso sabê o que tá acontecendo comigo! Será que eu não sou mais eu!?

MÉDICO

Vai ver é culpa de ter matado tanta gente...

PEIXEIRA

Doutor, culpa tem remédio?

MÉDICO

Se tivesse todo mundo ia querer...

INT. COZINHA-- DIA

Na cozinha, os detentos (entre eles, Nego Preto) preparam o almoço: picam cebolas e batatas, despejam arroz nos panelões e,

com grandes pás de madeira, mexem nos taxos fumegantes de feijão. Um dos detentos (Detento Locutor), canta com voz grave e solene, enquanto pica temperos.

DETENTO LOCUTOR

(cantando)

"Se gritar pega ladrão, não fica um, meu irmão. Se gritar pega ladrão, não fica um..."

O Detento Locutor olha para algo em off, pára de cantar e de trabalhar. Um a um, os outros detentos fazem o mesmo. Nego Preto, estranhando o silêncio, olha em torno. Na porta da cozinha, Valdir, seu filho. O rapaz tem o cabelo cortado à tigela, usa calça bege e tem uma pequena sacola nas mãos.

VALDIR

Pai...

Nego Preto olha para o filho.

EXT / INT - PÁTIO INTERNO / TEMPLO -- DIA

Chove. Peixeira, como que hipnotizado, percorre o pátio sem preocupar-se com a água que cai sobre ele. Ouvimos um hino evangélico entoado por um coro desafinado. Peixeira caminha na direção do templo, de onde parte a música. Ele pára dois passos antes da porta, ainda sob a chuva. O pastor reconhece Peixeira e, ato contínuo, ergue o braço. O coro cessa.

PASTOR

(para Peixeira)

Entra. Você sabia que o Senhor tem um plano pra você?!  
Entra irmão! Venha! Essa é a tua casa.

A audiência volta-se para a porta. Peixeira, hesitante, dá um passo para o interior do Templo. O pastor vai caminhando na direção do detento encharcado.

PASTOR (CONT'D)

Você está perdido. Você não sabe, mas foi Ele que te chamou!

PEIXEIRA

Quem?

O pastor pega na mão de Peixeira e leva-o para diante da audiência.

PASTOR

Jesus!

O Pastor poussa a mão na cabeça de Peixeira.

PASTOR (CONT'D)

Ele sabe que você não dorme sem ter feito o mal, perde o sono se não faz alguém tropeçar. Não foi assim

toda a tua vida? Vai, diz. Não foi assim?

PEIXEIRA

Foi, pastor. Foi sim. Tem tanto sangue comigo!

PASTOR

Dobra o joelho, irmão! Dobra o joelho! Você quer  
aceitar Jesus? Quem aqui já aceitou Jesus?

Toda a audiência ergue-se. Peixeira ajoelha-se aos prantos. A  
audiência vibra.

PASTOR (CONT'D)

Glória, senhor! Aleluia!

TODA A AUDIÊNCIA

Aleluia! Aleluia! Aleluia!

EXT. CAMPO DE FUTEBOL -- DIA

Dois times, lado a lado, saem do Pavilhão para o campo. Os  
jogadores, mãos dadas, avançam em meio a massa de torcedores que  
se agita e terminam por perfilar-se no centro do campo. O médico  
está na torcida. Atrás de uma tosca mesa, estão sentados o Detento  
Locutor, Nego Preto e Majestade, o mesário. Diante dele, o  
troféu; no chão, um saco com bolas sobressalentes.

DETENTO LOCUTOR

(ao microfone)

Malandragem do meu Brasil, chegou o grande dia! É a  
final do Pavilhão nove! O Furacão 2000 vem pras  
cabeça...

Câmera em travelling lateral percorre a fila de atletas.

DETENTO LOCUTOR (CONT'D)

(off, pelos alto-falantes)

... com Zóinho, Manga, Pena Branca, Gringo, Salomão  
Ayala, Ed Mårfi, Zé da Casa Verde, Zelão,  
Flavinho, Nego Déiz, e Tafarel... Mas o Burgo  
também quer a taça e convocou Valente, Samuel,  
Dadá, Santão, Indinho Boa Ventura, Salário Mínimo,  
Valdir, AR15, Hildo, Ribeiro e Gererê.

Os jogadores distribuem-se pelo campo. O juiz coloca a bola no  
centro do campo e apita. Um detento dá o pontapé inicial e o jogo  
começa.

DETENTO LOCUTOR (CONT'D)

(off, pelos alto-falantes)

Bola rolando! Santão toca para AR15; Dadá encosta,  
recebe. É o Burgo no ataque. Ed Mårfi corta...

EXT. CAMPO DE FUTEBOL / PORTÃO EXTERNO 2 -- DIA

O Médico caminha observando a Radial praticamente vazia. Ao

longe, t nue, ouvimos o som das torcidas e o Detento Locutor. Tomando sol, vemos Barba e seus dois companheiros, Pimenta e Charuto.

MÉDICO

E aí Barba? Tudo bem?

BARBA

Na santa paz! Bom fim de semana pro senhor.

EXT. PÁTIO EXTERNO 2 -- DAY

Um funcionário abre um portão, o Médico cruza-o e avança por uma nova radial, também vazia.

MÉDICO

(off)

Infelizmente, Barba estava enganado. Faltava   ele a sabedoria do velho Chico que uma dia me disse: "cadeia em silêncio, muita obediência? Sinal que alguma coisa vai acontecer". Quinze dias depois, quando voltei ao presídio, s  encontrei o vazio dos buracos das balas nas paredes.

EXT. PÁTIO EXTERNO 2 -- DIA

O detento chamado "Coelho", cueca molhada na mão, aproxima-se de um varal de roupas cheio. Abre espaço entre duas peças de roupa. Ao fundo ouvimos, indistintamente, as torcidas vibrando com o jogo. Barba se aproxima decidido.

BARBA

 , você aí, vai procurá outro varal.

COELHO

V  usá esse mesmo.

Coelho, indiferente ao aviso de Barba, pousa sua cueca no varal. Barba empurra Coelho e joga a cueca no chão.

BARBA

Sai pra lá!

Coelho ergue-se furioso, apanha a madeira que sustenta o varal e quebra-a na cabeça de Barba, que desmaia sangrando. Charuto e Pimenta, aproximam-se correndo. Charuto acode Barba e Pimenta chega empurrando Coelho.

COELHO

(encarando Pimenta)

P , dexasse eu pendur  minha roupa aí!

PIMENTA

(avançando novamente sobre Coelho)

Tu que   folgado!

Três novos detentos surgem correndo e postam-se ao lado de Coelho. Um deles, Paulo Boca, empurra Pimenta.

PAULO BOCA

E tu, o que tem com isso?

Charuto ajuda Barba a levantar, o detento ferido cambaleia. Na muralha, o soldado da Policia Militar engatilha e posiciona seu fuzil.

SOLDADO DA MURALHA

Parado aí senão eu atiro!

Os detentos olham para cima.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Depoimento de Lula.

LULA

Um diz que foi por causa de uma dívida de cinco maço de cigarro. Outro que foi discussão de futebol. Alguns que tava perto até fala que foi por causa de uma cueca. É como se diz aí: na cadeia ninguém conhece a moradia da verdade.

EXT. CAMPO DE FUTEBOL -- DIA

O juiz apita, indicando a marca do penalti, bem ao lado de Dadá, que está caído na área. As torcidas, inflamadas, gritam e gesticulam. Os jogadores do time faltoso cercam o juiz reclamando. Indiferente, ele coloca a bola na marca de cal, afasta-se e apita. Dadá bate o penalti e converte.

INT. GALERIA -- DIA

Barba, sentado no chão da galeria, sangra profusamente. Charuto ainda o ampara. Um outro detento aproxima-se com um pano molhado e limpa a testa do ferido. Em torno, um grupo de 9 detentos, entre eles Pimenta. Do lado oposto da galeria, surge o grupo de Coelho, virando a esquina. São 15 detentos (entre eles, Boca). Os dois grupos, exaltados, permanecem, por um instante, frente a frente na galeria.

CHARUTO

(para Coelho)

Ó o estrago que tu fez nele.

COELHO

(para Charuto)

Putá cara fominha!

PIMENTA

(para o Coelho)

Acertasse ele com a mão.

MARIO CACHORRO

Por causa de uma cueca!

DETENTO AMIGO DE BARBA

Esperasse ele recolhê a roupa!

BOCA

(para Charuto)

Vai se fodê!

Charuto dá um empurrão em Boca. Alguns apaziguadores ainda tentam evitar o confronto, mas os primeiros socos e pontapés são desferidos.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Na outra extremidade da galeria, surgindo da escadaria, jogadores e torcidas retornam do campo. Dadá, trazendo o troféu, é carregado nos ombros da massa.

Ali de cima, Dadá vê o confronto. A maioria dos homens também parte para a luta. Alguns detentos saem de suas celas portando paus e canos de ferro; outros correm e trancam-se nas celas. A violência do conflito se intensifica.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Depoimento de Dadá.

DADÁ

Parecia feira de peixe. Quando tá assim o sangue ferve, fica todo mundo desvairado. No meio daquela bagunça podia sobrá pra minha pessoa; perfeitamente.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Dois Funcionários, canos nas mãos, surgem correndo numa extremidade da galeria onde os grupos de detentos brigam.

FUNCIONÁRIO 1

Vam'pará com isso!

Dois detentos jovens surpreendem os carcereiros ameaçando-os com facas.

DETENTO JOVEM 1

Não te mete que isso é briga de ladrão!

INT. ESCADAS - CARANDIRU -- DAY

Os dois detentos jovens, facas em punho, empurram os funcionários escada abaixo na direção da saída.

EXT. ESCADAS - CARANDIRU -- DIA

Majestade, Nego Preto, seu filho Valdir e Antonio Carlos (os dois últimos ainda em seus uniformes) entram no pavilhão carregando bolas de futebol. Na escada, os recém chegados surpreendem-se com a descida dos dois detentos jovens que enxotam os funcionários na ponta da faca.

NEGO PRETO

Que que tá acontecendo?!

DETENTO JOVEM 1

Machucaro nosso amigo e tâmo resolvendo o assunto. Qualé tio?!

Os 2 jovens detentos e os 2 carcereiros enxotados passam por Nego Preto. Atrás desse grupo, outros 20 detentos ensandecidos também descem correndo.

Da escada, Nego, Majestade e Valdir vêm quando os detentos empurram os dois carcereiros para fora do Pavilhão.

DETENTO JOVEM 1 (CONT'D)

Vai embora, some daqui!

Um dos detentos bate o portão gradeado e passa o cadeado.

DETENTO JOVEM 2

Tranquei! A casa é nossa!

NEGO PRETO

Esquece. Deixa morrê quem tivé que morrê!

Nego, Valdir e Majestade sobem.

EXT. PÁTIO EXTERNO 1 -- DAY

Os carcereiros correm pela radial, um deles gritando para o alto da muralha.

CARCEREIRO ENXOTADO

Aciona o alarme! Pede socorro! Rebelião no 9!

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

A confusão envolve dezenas de detentos. Alguns usam canos de ferro para arrebentar a tubulação de água. Esguichos começam a inundar o local. Prisioneiros incendeiam colchões, outros carregam produtos de saques: TVs, equipamentos de som, sacolas de supermercado. Ezequiel, usando uma faca improvisada, corta a fiação elétrica. A galeria escurece, iluminada apenas pelo resto de sol que entra nas celas.

DETENTOS

(off)

Vai morrê! Vai morrê! Vai morrê!

INT. ENFERMARIA -- DIA

Depoimento de Valdir, filho de Nego Preto.

VALDIR

Com a cadeia inteira gritando "vai morrê, vai morrê", lembrei do polícia que me prendeu e falou na minha cara: "bandido bom é bandido morto".

INT. CELA 10 (CELA DE NEGO PRETO)/EXT. FACHADA DO CARANDIRU (MATERIAL DE ARQUIVO?) -- DIA

Majestade, Detento Locutor, Nego Preto, o amedontrado Valdir e outros detentos, todos silenciosos, acompanham na TV da cela, as imagens ao vivo da reportagem realizada na entrada do presídio. Imagens aéreas revelam, no Pavilhão 9, rolos de fumaça saindo das janelas de algumas celas; em outras, braços agitam-se freneticamente.

Na avenida, diante do presídio, aglomeram-se familiares dos detentos, mulheres jovens e idosas, algumas em prantos, bem como populares em geral. São todos contidos por cordões de isolamento que facilitam a entrada de caminhões da Tropa de Choque. Todos avançam sob o pórtico onde lemos Casa de Detenção e estacionam. Os soldados bem armados são ligeiros para descer. Em meio a confusão de populares e policiais, a Repórter de TV aguarda um instante e dá sua fala.

REPÓRTER DE TV

Rebelião na Casa de Detenção de São Paulo. O pavilhão nove está sob total controle dos presos. Até agora não se conhece qualquer reivindicação deles e não há notícias sobre reféns. As autoridades do presídio estão reunidas com o assessor do Secretário de Segurança. Famílias de presos e curiosos começam a se aglomerar em frente ao presídio. O momento é de tensão. Voltaremos em instantes com novas informações. Marisa Oliveira, para o Jornal da Globo.

Na cela, o som de um helicóptero se sobreõem ao da algazarra nas galerias. Nego Preto, alcança a janela gradeada.

INT. ENFERMARIA - DIA

Depoimento de Nego Preto.

NEGO PRETO

Naquela altura, ninguém ouvia mais nada! Pelas grade a gente viu chegá uma pá de polícia de máscara, só com os olho de fora, metralhadora, cachorro e um helicóptero voando bem baixinho, com um cano pra fora.

INT. GALERIA/PORTÃO DE ENTRADA -- DIA

Ao longo da galeria, o caos é geral: água empoçada, móveis

quebrados, mantimentos espalhados pelo chão. O conflito, ali, reúne aproximadamente 20 detentos que brigam. Nego Preto, Majestade e o Detento Locutor, tentam conter um grupo de 6 detentos, entre eles Pimenta, Fura-Bolo e Ezequiel, que carregam portas, móveis e latões de óleo. Os apaziguadores não têm sucesso.

EXT. ESCADAS / GAIOLA - CARANDIRU -- DAY

Os detentos se juntam a outros que montam uma barricada junto à porta de entrada do pavilhão. Empilham móveis, tábuas, carrinhos de entrega, máquinas de escrever, portas de cela, painéis de cozinha e colchões. Os latões de óleo são despejados, espalhando o líquido viscoso pela galeria e pela barricada. Ezequiel atea fogo ao óleo. A chama corre pelo chão, incendiando a barricada.

NEGO PRETO

O Choque tá embocado! Vai entrá! Pará com isso!

DETENTO LOCUTOR

Vam'pará, porra! Vam'pára com isso!

MAJESTADE

Vam'mostrá pra eles que a gente não qué confusão!

EXT. PÁTIO EXTERNO 1 -- DIA

Por algumas janelas, vemos clarões, línguas de fogo e fumaça surgindo entre as grades. Algumas, nem grades têm mais. As mangueiras dos bombeiros buscam os locais onde há fogo e fumaça. Noutras janelas, apinham-se detentos, alguns deles encapuzados com panos ou as próprias camisetas. Braços brandem facas e canos. Os presos gritam, atiram pedras e paus. Os ruídos indicam o caos dentro do pavilhão. Numa faixa pendurada lemos, em letras tortas e com erro de ortografia: "Queremos o juís-corregedor". Diante do pavilhão está a Tropa de Choque. São 325 homens em posição de sentido; vestem coletes à prova de bala, alguns usam capacetes, outros máscaras Ninja; a maioria traz armas nas mãos; alguns têm escudos; 6 soldados montam cavalos e três outros comandam cães pastores. Os soldados brandem seus cacetetes nos escudos; cães latem, mas são contidos pelos soldados. Por entre as fileiras de soldados, se aproximam ligeiros, Seu Pires, um Coronel fardado da Polícia Militar com sua metralhadora à tira colo e, ao lado deste, um homem em terno e gravata (Assessor do Secretário de Segurança).

ASSESSOR DO SECRETÁRIO

(para o Coronel)

As ordens foram dadas pelo Governador: o comando está com o senhor, Coronel.

CORONEL

A tropa está aí para o que for necessário.

ASSESSOR DO SECRETÁRIO

O senhor é um homem experiente. Se tiver de invadir, invada.

SEU PIRES

Isso eu não aceito! A casa é minha.

Seu Pires pega um megafone das mãos de um PM e usa-o para gritar para as janelas gradeadas.

SEU PIRES (CONT'D)

Vam'voltar pra cela! Senão a PM vai invadir!

DETENTO ENCAPUZADO 1

Se entrá morre!

DETENTO ENCAPUZADO 2

Aqui tem muito companheiro de cadeia vencida!

DETENTO ENCAPUZADO 3

A gente qué melhoria pras nossa condição!

DETENTO ENCAPUZADO 4

Manda o choque embora!

SEU PIRES

Então voltá pra cela. Senão vocês vão se arrepender.

DETENTO ENCAPUZADO 1

(arremessando uma garrafa)

Aqui num tem arrependimento.

SEU PIRES

Quantos reféns tem aí? Eu quero saber quantos reféns tem aí!

NEGO PRETO

Não tem refém, Seu Pires!

ANTONIO CARLOS

É briga nossa, Seu Pires!

SEU PIRES

(baixando o megafone)

Coronel, sem refém, sem água, sem luz! Não vão aguentar muito tempo!

OUTROS DETENTOS ENCAPUZADOS

Salva nós, Seu Pires. Não deixa eles entrá. Manda o choque embora.

SEU PIRES

(ao megafone)

Tá difícil segurar eles! Vamo acalmar nós, entregar as armas. Tão me ouvindo! Vam'entregar as armas!

Silêncio. Facas improvisadas começam a ser arremessadas pela janela: três, dez, vinte. Da maioria das janelas do pavilhão surgem braços arremessando facas. Panos brancos são agitados. Seu

Pires volta-se para o Coronel.

SEU PIRES (CONT'D)

Tá vendo, Coronel? Já acalmaram. Pode mandar seu pessoal embora.

(ao megafone)

E agora, todo mundo pras celas!

Um vaso sanitário se estilhaça próximo de Seu Pires e do Coronel.

Um grande alicate rompe o cadeado do portão, um chute escancara-o. Seu Pires dá um passo na direção da entrada, mas o Coronel coloca a mão em seu peito, barrando-lhe a passagem.

CORONEL

Seu Pires, a invasão é minha!

Seu Pires é deixado para trás pelo Coronel que, metralhadora em punho, segue à frente dos soldados.

EXT. PÁTIO INTERNO -- DIA

Um cavalarião ganha o pátio vazio. Um grupo de soldados mascarados entra em seguida. Fuzis e metralhadoras em punho, eles prescrutam o local.

INT. PÁTIO INTERNO - TEMPLO DE UMBANDA -- DIA

Um oficial invade a sala do templo. Junto ao altar com imagens de Pretos Velhos e Exús, um grupo de detentos encolhe-se.

OFICIAL 1

Você aí, vem cá e mostra o caminho pra gente.

INT. ESCADAS - CARANDIRU -- DIA

O grupo de soldados visto no pátio aproxima-se da escadaria. O Coronel e outros soldados juntam-se ao grupo que alcança as escadas. O Detento Guia segue na frente, empurrado. A tropa, tensa, sobe as escadas em marcha de ataque mas, subitamente, pára. Diante dos soldados, dois detentos com estiletes ensanguentados em punho. Os militares entreolham-se amedrontados. No alto da escada, outros cinco detentos observam tensos. Entre eles, Dadá e Antonio Carlos, ainda usando seus uniformes de futebol.

DETENTO COM ESTILETE

Volta pra traiz que aqui é tudo aidético! Cês vai morrê!

Ante o assombro do Detento Guia, um dos soldados dá uma rajada de metralhadora nos dois detentos com estiletes. Antonio Carlos, Dadá e os demais saem correndo. Liderados pelo Coronel, a tropa avança rápida e barulhenta escada acima: coturnos batem no chão, metralhadoras e escopetas são engatilhadas, cães latem.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Soldados mascarados alcançam o segundo andar. Dois soldados, escorregam e caem. Ao fundo, no extremo oposto da galeria, Antonio Carlos, Dadá e os outros correm em fuga. Os soldados disparam rajadas de metralhadora e três detentos caem mortos.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Depoimento de Antonio Carlos.

ANTONIO CARLOS

A gente pode sê tudo ignorante, ladrão, assassino, mas burro não. Ninguém gosta de morrê. Quando a PM invadiu, todo mundo correu pro xadrez, que não tinha condição de encará eles com faca e pedaço de pau. Dito e feito: entraro atirando. Ali, era cada um por si e Deus por quem Ele julgava merecedor.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Antonio Carlos, Dadá e outros vinte detentos apavorados, correm pela galeria quase às escuras, iluminada apenas pela luz que vaza das portas. Dois homens são alvejados, pelas costas, por rajadas de metralhadora de soldados mascarados. Dadá e Antonio Carlos escapam, "dobrando uma esquina" da galeria. Cada um deles, entra numa cela. Por um segundo entreolham-se pelas frestas das portas de ferro. Nova rajada. Mais dois detentos caem mortos.

INT. CELA 5 (CELA DE PEIXEIRA) -- DIA

Sob o som de fuzilaria, Antonio Carlos assusta-se quando alguém bate a porta e tranca-a. Ali na cela, os vários detentos procuram esconder-se como podem, embaixo das camas ou perto do vaso sanitário. Só Peixeira não se esconde. Sentado numa cama, contrito, ele ora. Um rosto com máscara Ninja surge no guichê.

SOLDADO 1

Surpresa! Chegou o diabo pra carregar vocês pro inferno!

O rosto mascarado é substituído pelo cano de uma metralhadora que cospe uma rajada de balas. O lugar se enche com a fumaça.

Uma gota de sangue cai sobre o rosto de Antonio Carlos. Ele esgueira-se, saindo de baixo de uma das camas. Olha em torno e, em meio a fumaça que se dissipa, vê os cadáveres dos companheiros. Finalmente, ele percebe que o sangue que caíra sobre ele é do cadáver perfurado de Peixeira.

INT. GALERIA/CELA 4 (CELA DE MAJESTADE) -- DIA

Um grupo de 12 detentos apavorados, entre eles, Ezequiel, acaba de subir as escadas e avança pela galeria. Tentando entrar, eles batem nas portas das celas, que não são abertas.

BAIANO

Abre aí! Abre! Ai meu Pai! Ai meu Pai!

EZEQUIEL

Não pára não! Corre!

O grupo corre para uma nova cela. À porta desta, Majestade, sinaliza para que entrem. Quatro soldados mascarados chegam no andar pela escada.

SOLDADO 2

Aí sargento, brincá de pega-ladrão!

O Soldado 2 dispara sua metralhadora. Cinco detentos que não conseguiram refugiar-se dentro da cela aberta por Majestade caem mortos. Os soldados avançam. Um deles, o Soldado 3, chuta a porta, escancarando-a. Ato contínuo, dispara rajadas. A fumaça se dissipa, revelando 7 cadáveres espalhados. Num canto, Ezequiel, em pé e trêmulo, encara o Soldado 3.

SOLDADO 3

Você vai ficá vivo pra contá a história...

O Soldado 3 retira-se. Ezequiel, em choque, começa a mover-se. O Soldado 3 retorna.

SOLDADO 3 (CONT'D)

Mudei de idéia.

O Soldado 3 dá uma rajada em Ezequiel que cai morto. Em seguida, entra na cela, olha para os corpos crivados de balas, esperando qualquer movimento. No fundo da cela, alguém move-se atrás do murinho do vaso sanitário. Mas o Soldado 3 não vê. Sua atenção foi chamada pelo porta-retrato intacto na prateleira. A foto revela Majestade ladeado por Dalva, Rosirene e os filhos desse triângulo. O Soldado 3 retira-se. É o próprio Majestade que, receoso, ergue-se de seu esconderijo e observa os corpos dos companheiros.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Depoimento de Majestade.

MAJESTADE

Mudou de idéia o cacete! Agiu na maldade pura: deu um gostinho de esperança pro Ezequiel, voltô e matô ele.

INT. CELA 8 (SEM CHANCE E LADY) -- DIA

O som de tiros torna quase inaudível a reportagem com imagens ao vivo do exterior do presídio. A matéria é exibida na televisão da cela de Lady e Sem Chance. Tiros do lado de fora arrebetam o ferrolho e a porta é escancarada. Um soldado, escopeta em punho, entra. Os olhos recortados na máscara negra demoram a entender o que vêem: Sem Chance e Lady, mãos dadas na cama, olham diretamente para ele.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Depoimento de Sem Chance e Lady.

SEM CHANCE

Vai sabê. Ele não teve coragem de matar uma mulher.

LADY DI

Foi o nosso amor que nos salvou.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Ao som de fuzilaria, na galeria às escuras e cheia de fumaça, surgem três vultos, detentos correndo em desespero. Ao fundo, os canos de duas metralhadoras cospem fogo e os presos alvejados caem.

Em meio a fumaça, uma mão tateia a parede. É Dadá procurando enxergar. Do lado oposto surge Fuinha. Os dois entreolham-se em pânico e correm em direções contrárias. Fuinha, desesperado em meio à fumaça que se dissipa, dá de cara com dois soldados que disparam suas escopetas, matando-o.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Ao longo da galeria, um grupo de quinze soldados avança. Alguns chutam as portas, escancarando-as e dando rajadas para o interior das celas. Outros atiram através dos guichês. O Oficial 2 segue atrás da tropa, pistola em punho. Diante de uma das celas, ele olha pelo guichê, escancara a porta e entra. Sai arrastando Lula pelo cabelo.

LULA

Pelo amor de Deus! Tô desarmado! Tô desarmado!

OFICIAL 2

Ah é?! Vam'vê: mão na parede, perna aberta!

Lula, de costas para o Oficial, espalma as mãos na parede recoberta de buracos de balas. O Oficial 2, sem deixar de olhar o rosto amedrontado de Lula, o revista.

OFICIAL 2 (CONT'D)

Tô sabendo que tu já matô policia, né! Não me engana!

LULA

Nunca matei ninguém, senhor. Minha pena é pouquinha, três ano só. Poupa eu!

OFICIAL 2

Tá certo. Você vai se dá bem por que tem a cara do meu filho.

O Oficial 2 dá um tiro nas costas de uma das mãos de Lula que se encolhe de dor, segurando a própria mão.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Depoimento de Lula.

LULA

Naquela eu tirei que o filho do polícia me salvô a vida,  
ó! Abençoado filho do polícia!  
(indicando o dedo inerte)  
Abençoado filho do polícia.!

INT. CELA 10 (CELA DE NEGO PRETO) -- DIA

Trêmulo de pavor, Valdir, o filho de Nego Preto, olha através de uma fresta da porta. Continuamos a ouvir rajadas de metralhadora, gritos de horror e latidos ao longe.

VALDIR

Pai, eles vão matá, vão matá a gente! Tão vindo!

NEGO PRETO

Fecha essa porta.

Nego Preto senta-se na cama. Apanha uma bola de futebol e coloca-a no chão, diante de si.

NEGO PRETO (CONT'D)

Filho, entrega pra Deus. Fica aqui com o pai.

Valdir ajoelha-se ao lado de Nego Preto.

SOLDADO 4

(off, desde a galeria)  
Alguém precisa de um curativo aí?

Ouvimos, em off, uma rajada de metralhadora.

O Soldado 4 escancara a porta da cela com um chute. Nego Preto, cabeça baixa, vê apenas o coturno salpicado de sangue.

SOLDADO 4 (CONT'D)

Cêis tão nessa bagunça?

NEGO PRETO

(sem erguer os olhos)  
Magina... aqui a gente é do esporte.

Nego Preto vê os coturnos avançarem em direção a ele.

OFICIAL 2

(off, desde a galeria)  
Pára! Acabou, acabou!

SOLDADO 4

(arrancando uma correntinha de ouro de Nego Preto)  
Aí ladrão, vê se é bom fazê isso com os outro...

O Soldado 4 coloca a corrente no próprio bolso, dá a volta e sai. Nego Preto e Valdir entreolham-se e começam a chorar.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- ENTARDECER

Ouvimos uma rajada, seguida de um ou dois tiros ao longe. O silêncio começa a se impor. Um pastor alemão, sózinho, fareja poças de sangue, cadáveres, roupas, colchões queimados e TVs quebradas. Em meio ao caos, o troféu anteriormente carregado por Dadá. Repentinamente, o animal pára observando algo: um gato.

Algumas portas de celas são entreabertas e, pelas frestas, vemos surgir os rostos assustados de detentos. Majestade, hesitante, sai para a galeria. Surge o Soldado 5, engatilhando seu fuzil com baioneta. Majestade deixa as costas escorregarem na parede até sentar-se no chão.

SOLDADO 5

(cutucando Majestade)

Andando, andando pra não morrer, desgraçado!

INT. ENFERMARIA -- DIA

Depoimento de Majestade.

MAJESTADE

Dissero que só durô meia hora, ó. Mas pra mim que tava dentro, parecia que num acabava nunca!

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- ENTARDECER

Vinte soldados, armas na mão, tensos, estão postados ao longo da Galeria. O Oficial 3 grita pela galeria.

OFICIAL 3

Quem tá vivo, tira a roupa e sai pelado!

Detentos nus, trêmulos e hesitantes, começam a sair para a galeria. Os soldados fustigam a todos com cacetetes. De uma cela saem Sem Chance e Lady. O Oficial 3 aponta sua arma para Sem Chance.

OFICIAL 3 (CONT'D)

Quero ouvir você dizer: "Viva o Choque". Vai, diz...

SEM CHANCE

(baixo)

Viva o choque...

OFICIAL 3

Mais alto, assassino! Quero ouvir: "Viva o Choque".

LADY DI

(gritando)

Viva o choque! Viva o choque!

SEM CHANCE

(acompanhando Lady)

Viva o choque! Viva o choque!

O casal, bem como outros detentos, são tocados a golpes de cacete.

OFICIAL 3

Todo mundo, agora! Vai! Viva o choque!

DETENTOS

Viva o choque! Viva o choque!

Nego Preto e Valdir surgem, gritando e correndo, em meio a outros detentos. Nego pára e se abaixa tentando ajudar um companheiro mas desiste. Dadá, Antonio Carlos e Lula, como os demais, correm para escapar das pancadas dos soldados e entoam o mesmo coro.

EXT. CAMPO DE FUTEBOL / ESCADARIA - NOITE / AMANHECER

A fila de homens não pára e desce as escadas.

DETENTOS

(gritando)

Viva o choque! Viva o choque!

SOLDADO 6

Cuidado aí! Num me espirra sangue que eu não quero pegar Aids!

EXT. CAMPO DE FUTEBOL-- NOITE/AMANHECER

PG do campo de futebol. Diante da câmara estão aproximadamente 1200 detentos, nus, sentados no chão, braços cruzados sob as coxas e a cabeça entre os joelhos. Soldados com cães e cavalarianos vagam entre os presos.

O rosto de Nossa Senhora Aparecida, pintado na parede da muralha, é progressivamente tingido pela luz amarela do amanhecer. Vemos, pelas costas, os detentos sentados no chão, tendo ao fundo a figura gigante da santa pintada na muralha.

O Oficial 4 vem para o pátio e se aproxima de outros homens fardados.

OFICIAL 4

(para os outros oficiais)

Lá dentro não tem mais ninguém. Quem ficou tinha de ficar.

INT. ENFERMARIA -- DIA

Depoimento de Antonio Carlos

ANTONIO CARLOS

Ficamos a noite toda lá, pelados no sereno, até a

polícia resolver limpar o estrago.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Sob supervisão dos soldados, oito detentos aos pares, carregam cadáveres ao longo da galeria. Os mortos são retirados das celas e levados para o fundo da galeria. Algumas duplas, mãos vazias, voltam para pegar mais corpos.

INT. GALERIA - ESTÚDIO -- DIA

Dadá, puxa um cadáver ao longo de uma galeria vazia. Ao longe, ele vê uma dupla de carregadores levando um morto. Os carregadores "dobram a esquina", desaparecendo de sua visão.

Em seguida, Dadá ouve tiros. Ele pára. Em pânico larga o cadáver e rumo até o fundo da galeria. À esquina, ele pára novamente com expressão estarrecida. A câmera revela o que ele vê: todo o chão está recoberto de cadáveres dispostos como valetes (pés de um junto da cabeça do vizinho). Ao fundo, da galeria o Soldado 7 afasta-se. Dadá ouve passos aproximando-se. Em desespero, deita-se entre os cadáveres, "fingindo de morto". Surge uma nova dupla de detentos trazendo um novo cadáver. Eles são seguidos pelo Soldado 8. Os carregadores depositam o cadáver no chão. Ato contínuo, o Soldado 8 dá uma rajada de metralhadora e os carregadores caem mortos junto à Dadá, que permanece de olhos fechados. O Soldado 8 retira-se. Dadá, trêmulo, ergue-se do meio dos cadáveres, olha para os lados. O silêncio é total. Ele levanta e sai andando pela galeria, de costas para a câmera.

INT. CELA DE DADÁ - DIA

Dadá observa o interior de sua cela. A devastação é total: poças de água e sangue, marcas de tiro nas paredes, o colchão de um dos beliches perfurado e empapado de sangue, mantimentos, painéis, roupas e objetos pessoais revirados pelo chão. Em choque, Dadá senta-se na cama. Observa algo no caixote que serve de criado mudo. Estende a mão e pega um envelope. Abre-o e começa a ler o papel em seu interior.

DADÁ

(off)

Davilson, meu filho querido; a mãe chora quando lembra de ti pequenininho, rindo no fundo dos meus olhos. Sei que você nunca acreditou no meu Deus, mas hoje, quando peguei a Bíblia, parecia que te tinha de novo no meu colo. Meu coração ficou miúdo quando abri no Salmo 91. Olha só que bonita a palavra: "Mil cairão ao teu lado e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido, nada chegará à tua tenda."

INT. ESCADAS - DIA

Câmera rente ao chão mostra pés e rodos que puxam água tingida de sangue e espuma que cascadeia escada abaixo. Progressivamente, o

líquido avermelhado, vai ficando rosa e, depois, branco. Por fim, a água cristalina.

EXT. PERIFERIA -- ENTARDECER

Ao longe, numa estrada de terra, surge um ônibus. O veículo termina por parar num ponto, onde um Homem Negro aguarda. O Médico desce. Os homens trocam um aperto de mão.

Os dois caminham por uma rua de terra na periferia. Umhas poucas casas de bloco salpicam os terrenos baldios. A dupla aproxima-se de uma pequena casa contornada por uma cerca viva. Vemos homens, mulheres e crianças no jardim.

EXT. JARDIM DA CASA DE SEU CHICO -- ANOITECER

O Médico e o Homem Negro chegam ao portão da casa de Seu Chico. O negro abre o portão cedendo passagem ao visitante. Seu Chico sai da casa e olha para o Médico.

SEU CHICO

Bom que o senhor veio.

MÉDICO

Não podia faltar, né.

Por trás de Seu Chico, uma velha senhora surge no alpendre da casa.

SEU CHICO

Essa é a minha casa. Aqui que eu queria recebê o senhor.

MÉDICO

Eu nunca achei que o senhor tivesse outra casa.

DONA ROSA

Tinha sim. Passou mais tempo lá do que com a família.

SEU CHICO

Dona Rosa não perdoa...

Dona Rosa estende a mão para o Médico, que retribui. O grupo sai caminhando para contornar a casa.

SEU CHICO (CONT'D)

Doutor, meus filho eu num vi crescê, mas os neto eu vô.

MÉDICO

Se Deus quiser.

SEU CHICO

Nem que Ele não queira. Eu quero.

EXT. QUINTAL DA CASA DE SEU CHICO -- EVENING

No quintal da casa, reúnem-se as várias gerações da família de seu

Chico: filhos, netos e bisnetos (total: em torno de 50 pessoas, incluídas as esposas de alguns dos filhos do ex-detento). Algumas dessas pessoas, entre elas a filha caçula de Seu Chico mantém um balão aberto, sustentando-o pelas extremidades. Seu Chico e o Médico aproximam-se.

A mecha é acesa. O balão infla e sobe. Os presentes, fascinados, acompanham a subida. Seu Chico, junto ao Médico, também observa o balão no céu.

SEU CHICO

(rindo, com lágrimas nos olhos)

Doutor... quanto tempo eu sonhei com esse dia! E quando chega... olha eu: não sei se rio... se choro.

MÉDICO

Mas isso não é felicidade?

SEU CHICO

É... acho que é.

O balão ganha altura até se transformar num ponto luminoso no céu, ao anoitecer.

INT. VAGÃO DO METRO -- AMANHECER

No vagão superlotado, os passageiros viajam acotovelados uns nos outros. Entre os passageiros, sentado junto à janela, está o Médico com sua valise negra no colo. Absorto em seus pensamentos, ele olha através da janela. Quando o trem passa por um túnel, vemos o rosto do Médico refletido no vidro.

MÉDICO

(off)

No final dos anos 80, um trabalho de prevenção à AIDS entre a população carcerária, me levou à Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru.

CONDUTOR DO METRO

(off)

Próxima estação: Carandiru.

O Médico ergue-se. Através da janela, vemos o nome da estação: "CARANDIRU".

INT/EXT. PLATAFORMA/AV. CRUZEIRO DO SUL -- AMANHECER

A turba sai do vagão em atropelo. O Médico é um dos últimos a sair. A câmera o acompanha pela plataforma, escadas e calçadas.

MÉDICO

(off)

Ali dentro, ouvi histórias, fiz amizades verdadeiras, aprendi medicina e na convivência penetrei alguns mistérios da vida no cárcere, inacessíveis se eu não fosse médico.

Eu sabia que muitos daqueles homens não tinham demonstrado clemência diante de suas vítimas. Mas a sua sociedade tinha seus juízes. Não me cabia julgar. Ao mesmo tempo, o que eu tinha a ver com aquilo? Havia duas soluções: esquecer ou voltar...

EXT. FACHADA DO PRESÍDIO/PORTÃO EXTERNO -- DIA

A Médico passa sob o pórtico onde lemos "Casa de Detenção de São Paulo" e avança na direção do portão maciço da entrada. O portão é aberto por um funcionário.

FUNCIONÁRIO

Bom dia, doutor.

MÉDICO

(entrando)

Tudo calmo?

FUNCIONÁRIO

Tudo suave.

O portão é fechado rente à câmera, fazendo ecoar o som metálico.

MÉDICO

(off)

Ainda hoje, quando o portão de ferro bate às minhas costas, sinto um aperto na garganta, igual ao

MÉDICO

daquelas matinês no Cine Rialto, onde eu assistia eletrizado os filmes de cadeia em branco e preto.

LETREIROS SOBRE FUNDO NEGRO.

LETREIRO 1:

No dia 2 de outubro de 1992, morreram 111 homens na Casa de Detenção de São Paulo. Não houve mortes entre os policiais militares. Só podem contar o que aconteceu, Deus, a polícia, e os presos. Eu ouvi apenas os presos.

LETREIRO 2:

Drauzio Varella é médico, vive em São Paulo e continua realizando trabalho voluntário na Casa de Detenção.

FIM